

# Mundo sem elas . . .

Amanda Silveira Barbosa  
Arthur Araújo  
Arthur Vinícius de Oliveira Carvalho  
Carlos Matheus de Almeida Eufrazio  
Cecília Dias Costa  
Ellen Silva  
Gabriel Moreira Coelho  
Letícia Guerra  
Lucas Eduardo Vieira de Jesus  
Maria Eduarda Souza  
Murilo de Oliveira  
Wanessa Dias

Organizadores

Leonardo Machado Palhares  
Marcos Flávio de Oliveira Silva

● EDITORA  
**IFMG**

# Mundo sem elas . . .

Amanda Silveira Barbosa  
Arthur Araújo  
Arthur Vinícius de Oliveira Carvalho  
Carlos Matheus de Almeida Eufrazio  
Cecília Dias Costa  
Ellen Silva  
Gabriel Moreira Coelho  
Letícia Guerra  
Lucas Eduardo Vieira de Jesus  
Maria Eduarda Souza  
Murilo de Oliveira  
Wanessa Dias

Organizadores

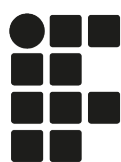
Leonardo Machado Palhares  
Marcos Flávio de Oliveira Silva

● EDITORA  
**IFMG**

Presidente da República  
**Luiz Inácio Lula da Silva**

Ministro da Educação  
**Camilo Santana**

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica  
**Marcelo Bregagnoli**



**INSTITUTO FEDERAL**  
Minas Gerais

Reitor  
**Rafael Bastos Teixeira**

Pró-Reitora de Inovação, Pesquisa e  
Pós-Graduação  
**Gislayne Elisana Gonçalves**

**Editor**

Alexandre Delfino Xavier

**Conselho Editorial**

Ana Paula da Silva Rodrigues

Atair Silva de Souza

Camila Cavadas Barbosa

Daniel dos Reis Pedrosa

Daniela Flávia Martins Fonseca

Fernanda Morcatti Coura

Jacqueline Cardoso Ferreira

Ludmila Nogueira Murta

Nayara Fernanda Dornas

Rafael Palhares Machado

**Preparação de texto:**  
Flávia Alves Figueiredo Souza

Prefixo editorial: Editora IFMG  
Linha Editorial: Artístico-literária

**Projeto gráfico, diagramação e capa:**  
Henrique Cantilho da Silva

• EDITORA  
**IFMG**

**Contato**

Endereço: Av. Professor Mário Werneck, 2590, Buritis  
Belo Horizonte - MG.

CEP: 30575-180. Telefone: (31) 2513-5100

E-mail: [editora@ifmg.edu.br](mailto:editora@ifmg.edu.br) | [www.ifmg.edu.br](http://www.ifmg.edu.br)

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.



#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

M965

Mundo sem elas / Leonardo Machado Palhares e Marcos Flávio de Oliveira Silva (orgs.). Belo Horizonte: Editora IFMG, 2024.

123 p.; il., color.

E-book, no formato PDF.

ISBN: 978-65-85821-16-2

1. Mulheres - Biografia. 2. Mulheres - História. 3. Contos brasileiro.  
I. Palhares, Leonardo Machado. II. Silva, Marcos Flávio de Oliveira.

CDD B869.31

CDU 821(81)-34

---

Catalogação: Luciana Batista Neves - CRB-6/2000

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



# Créditos das imagens

## **Nise da Silveira**

Correio da Manhã

Data: julho de 1970

Licença: Domínio público / Acervo Arquivo Nacional / BR\_RJANRIO\_PH\_0\_FOT\_43116\_003

## **Bertha Lutz**

Título: Brazilian zoologist and feminist Bertha Lutz (1894-1976)

Data: 27 de abril de 1925

Licença: Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos / npsc.13397

## **Naoko Takeuchi**

Título: Naoko Takeuchi at San Diego Comic-Con on August 14, 1998 [ recortado, preto e branco, aumento de resolução]

Data: 14 de agosto de 1998

Licença: Christopher Fritz / CC BY-SA 4.0

## **Mária Telkes**

Título: Dr. Maria Telkes half-length portrait, facing front

Data: 4 de setembro de 1956

Licença: Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos / Divisão de impressos e fotografias / Coleção NYWT&S / LC-USZ62-113268

## **Margaret Hamilton**

Título: Margaret Hamilton em 1969, ao lado de listagens que ela e sua equipe no MIT produziram para o Programa Apollo.

Data: 1 January 1969

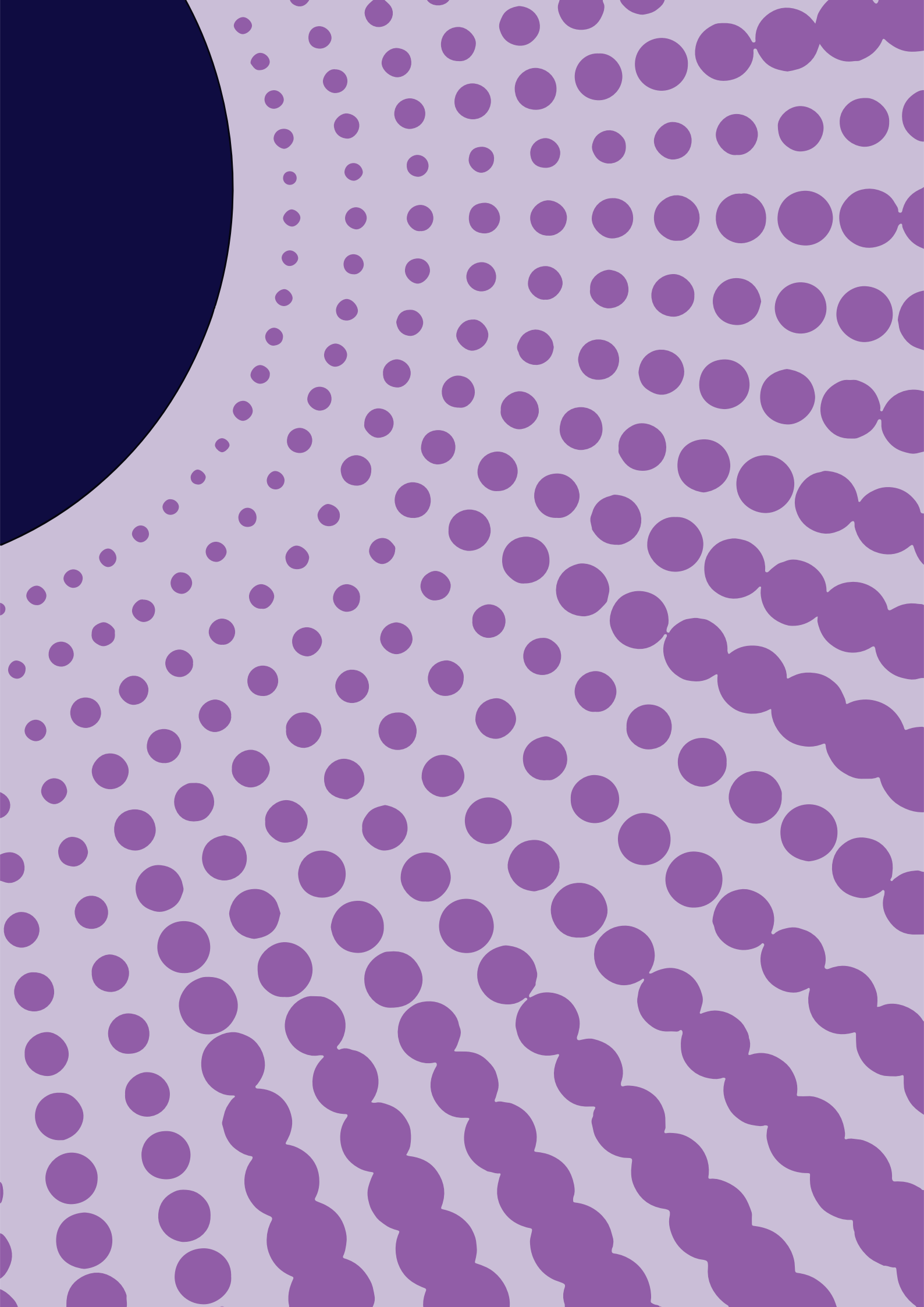
Licença: Domínio público / Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço dos Estados Unidos (NASA)

## **Maria da Penha**

Título: Maria da Penha em novembro de 2018 [recortado, preto e branco].

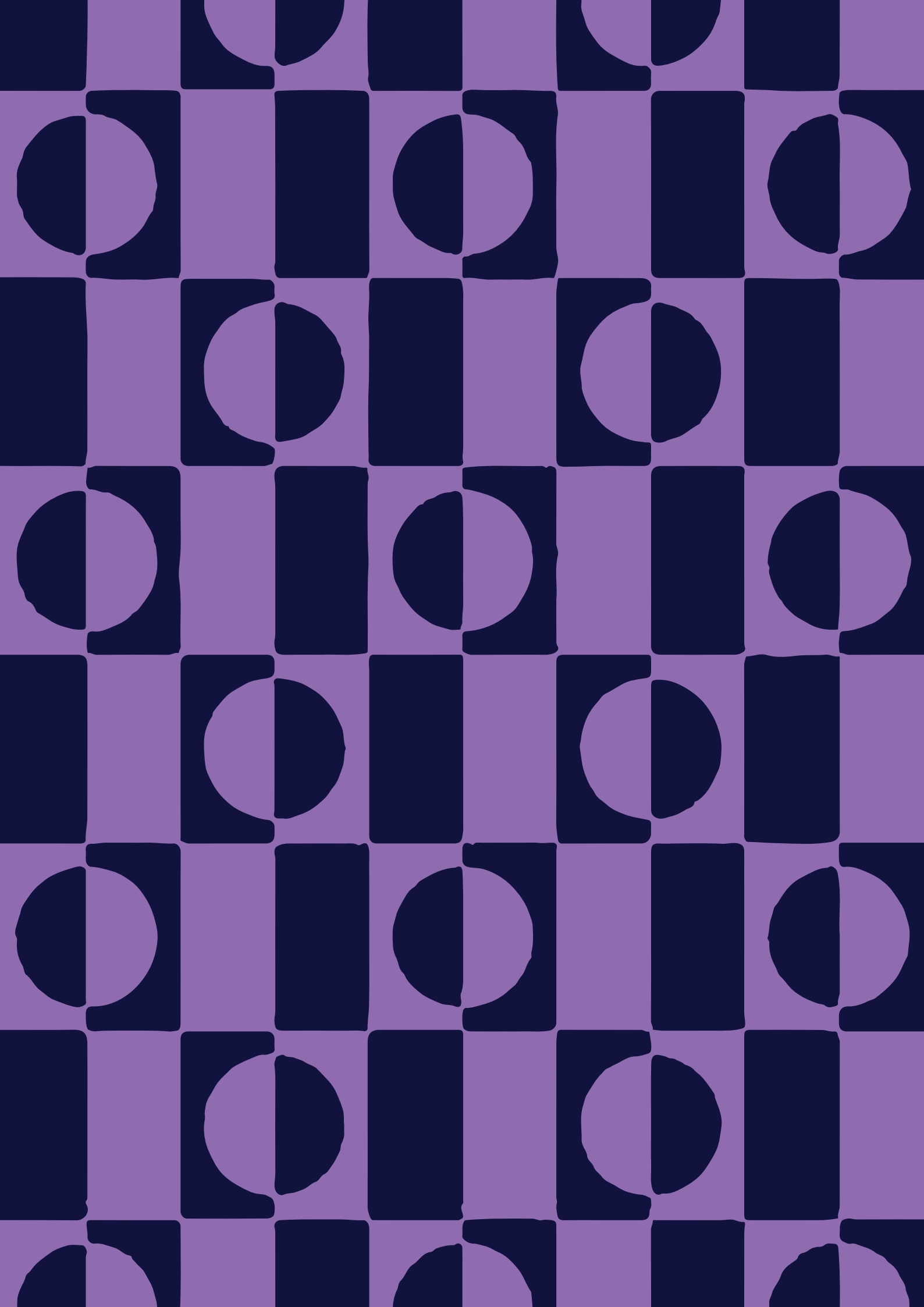
Data: 27 de novembro de 2018

Licença: Cesar Itiberê / CC BY 2.0



## **Agradecimento**

Agradecemos a todos os estudantes das turmas de Automação Industrial e Eletrotécnica do IFMG câmpus avançado Ipatinga, por aceitarem a proposta de elaboração coletiva de contos distópicos. Face aos desafios escolares cotidianos, no ano de retorno das atividades presenciais, após longo período de escolarização e vida vulnerabilizados pelo cenário da Pandemia de Covid-19 (2020-2021), este foi um desafio criativo para nos auxiliar na reflexão sobre sociedade que vivemos.



*Se uma mulher tem poder, porque é que é preciso disfarçar que tem poder?  
Mas a triste verdade é que o nosso mundo está cheio de homens e de  
mulheres que não gostam de mulheres poderosas.*

*Chimamanda Ngozi Adichie*

## Prefácio

*Leonardo Machado Palhares*

*Marcos Flávio de Oliveira Silva*

**I**magine a História sem algumas de suas grandes protagonistas? Basta abrir um livro didático que verá isso. Artífices de um século tão extraordinário quanto o XX, algumas mulheres são citadas em notas de pé de página, ou, em imagens em seus cantos. Como seria o século XX brasileiro sem Cecília Meireles, ou, a ciência mundial sem Marie Curie? A partir dessa questão, os estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, do IFMG câmpus Avançado Ipatinga, foram instigados pelos professores de Física e de História, a elaborarem textos distópicos sobre a História sem grandes mulheres.

Retirar essas mulheres de seu tempo é uma forma que propusemos para refletir não apenas sobre a importância dessas protagonistas históricas, mas sobre silenciamentos que ocorrem diariamente, criando situações para pensar sobre nosso mundo.

Além de contos distópicos sobre mundo sem mulheres fantásticas, trata-se de um ato de reflexão sobre valores e saberes que, fomentados por essas mulheres, ajudaram a construir elementos de um mundo diferente e significativamente melhor com elas do que sem elas.

Este livro foi também motivado pelo sentido de construir um mundo mais justo com mulheres que fizeram e fazem a História, assim, coadunamos

“entender que as pessoas percorrem caminhos diferentes no mundo e que esses caminhos, desde que não prejudiquem as outras pessoas, são válidos (...)” E que são nesses caminhos em que construímos sentidos, partilhamos e defendemos valores e saberes.

Há um conceito implícito em todas as narrativas: a reflexão sobre “mundos sem elas...”; sem os ideais e realizações construídos por mulheres que se tornaram grandiosas por sintetizarem ações necessárias em seus tempos. A ponderação sobre o papel dessas mulheres é identificada em narrativas potentes que explicitam impactos no presente sobre o experienciado (no caso não experienciado) no passado recente. Os contos abordam História das mulheres, a partir da historicidade aqui entendida “inicialmente, como uma percepção do presente como história, isto é, como uma relação com o presente que o desfamiliariza e nos permite aquela distância da imediaticidade que pode ser caracterizada finalmente como uma perspectiva histórica.” (JAMESON, 1991, p. 235).

Ao desfamiliarizar o presente e olhar para um passado alijado de uma grande protagonista, os estudantes expressam uma reflexão crítica e criativa sobre a produção da humanidade no tempo.

A produção dos textos foi desenvolvida como atividade integradora de Física e História no primeiro semestre letivo de 2022. Utilizamos da pedagogia de projetos, ao propor tema gerador e ao instigar os estudantes a promoverem pesquisa e escrita criativa sobre o tema gerador.

A atividade foi dividida em quatro etapas: estudo sobre a construção de textos distópicos a partir da reflexão promovida pela leitura do livro *O Homem do Castelo Alto* (1962), de Philip K. Dick e, também, da exibição de trechos da adaptação em seriado homônimo exibido na Prime Vídeo. Seguiu-se a organização dos estudantes em duplas e a escrita de contos com tema gerador “Como seria o mundo sem essas mulheres?”. Depois disso, propôs-se a leitura crítica dos professores, com devolução aos estudantes, que promoveram o ato de reescrita criativa.

Os debates recorrentes sobre os lugares de saberes e produção científica protagonizados por mulheres foram os mais significativos dos resultados alcançados.

Foram produzidas trinta e sete distopias, todas com estrutura metodológica semelhante: breve biografia contextualizada da cientista escolhida seguida da escrita de conto histórico sem essa mulher e seus saberes, num mundo paralelo. Entre os trinta e sete contos, selecionamos aquelas que, no ato criativo da escrita do gênero conto literário distópico, promoveram o encontro entre saberes históricos do presente, valores, sentidos e sentimentos sobre o protagonismo de mulheres no século XX.

As mulheres que emergiram nos estudos foram diversas, as quais podemos citar: Marie Curie, Emmy Noether, Rosa Parks, Mary Shelley, Rosetta Tharpe, Augusta Ada Byron, Lise Meitner, Joana d'Arc, Hedwig Eva Maria Kiesler, Anita Malfatti, Nise Magalhães da Silveira, Margaret Heafield Hamilton e Marsha P. Johnson. A lista segue longa e muitas vezes surpreendente, ecoando uma reflexão da importância das mulheres na construção do saber da nossa sociedade.

Percebemos que alguns estudos foram além de trabalhos escolares, sendo nosso dever organizá-los e tornar públicos esses contos que refletem sobre os sentidos diversos que cada uma dessas mulheres deu à complexa humanidade. Contos distópicos que, ao retirarem mulheres da História, impactam na política, nas ciências, na literatura e nos diversos campos sensíveis das sociedades passadas/presentes.

Cada conto é precedido de breve biografia da mulher que, retirada da História, levaria a outro cenário, a outros mundos, para a humanidade. Interessante perceber que o aspecto cinzento de cada conto nos coloca em reflexão sobre nossos papéis na sociedade. O conto distópico, ao acendrar realidades fictícias, nos ajuda a compreender o quão cinza são as nossas realidades, nas quais certo e errado são partes complementares da imperfeição humana.

## Sumário



**Um mundo sem Nise da Silveira** 15

**Mundo sem artes: Um mundo sem Nise da Silveira** 17

*Cecília Dias Costa*  
*Gabriel Moreira Coelho*



**Um mundo sem Bertha Lutz** 23

**Um Brasil sem voto feminino: Um mundo sem Bertha Lutz** 25

*Maria Eduarda Souza*  
*Murilo de Oliveira*



**Um mundo sem Naoko Takeuchi** 47

**O conto da lua: Um mundo sem Naoko Takeuchi** 49

*Lucas Eduardo Vieira de Jesus*  
*Carlos Matheus de Almeida Eufrazio*



**Um mundo sem Mária Telkes** 71

**Chamas da esperança: Um mundo sem Mária Telkes** 73

*Ellen Silva*  
*Wanessa Dias*



**Um mundo sem Margaret Hamilton** 79

**A ascensão vermelha: Um mundo sem Margaret Hamilton** 81

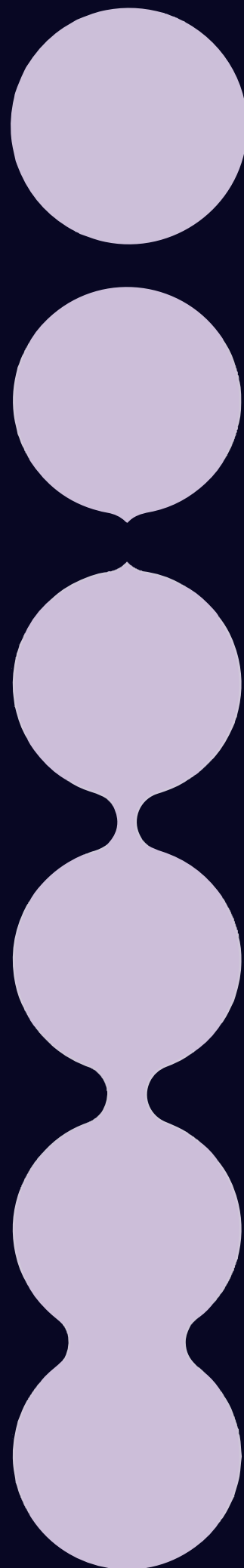
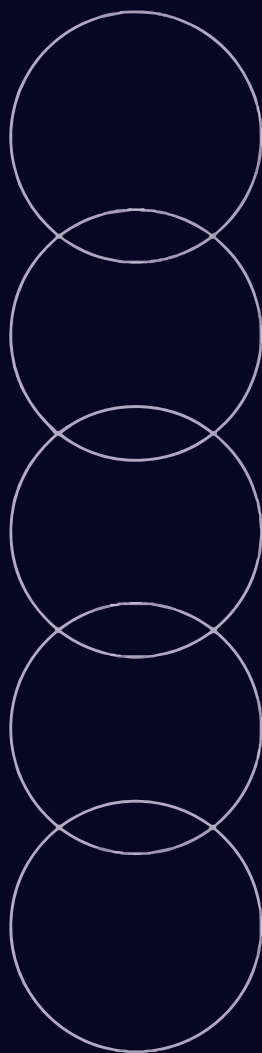
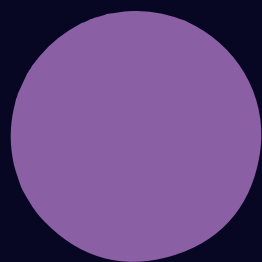
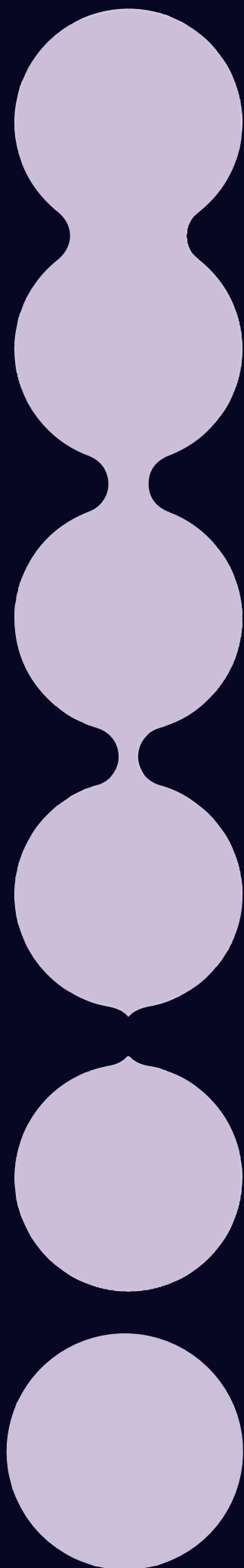
*Amanda Silveira Barbosa*  
*Arthur Vinicius de Oliveira Carvalho*



**Um mundo sem Maria da Penha** 103

**Em briga de marido e mulher não se mete a colher: Um mundo sem Maria da Penha** 105

*Letícia Guerra*  
*Arthur Araújo*



## Um mundo sem Nise da Silveira

**N**ise da Silveira foi uma médica psiquiatra brasileira, nascida em Alagoas, Maceió (15 de fevereiro de 1905) e falecida no Rio de Janeiro em 30 de outubro de 1999. Nise revolucionou a forma com que pacientes em instituições psiquiátricas eram tratadas, a partir de uma abordagem mais humana e inclusiva. Ela se rebelou contra o modelo tradicional e invasivo da época e propôs uma abordagem alternativa por meio de arte, música e contato com animais. Agora, imaginem um mundo no qual essa personagem marcante no cenário humanizador dos pacientes psiquiátricos nunca tenha existido. Teríamos abandonado os métodos agressivos como eletrochoques e lobotomias em algum momento? Teríamos evoluído tanto no entendimento das nuances da mente humana? Estaríamos hoje discutindo políticas de inclusão para pessoas dentro do espectro de autismo, ou estaríamos ainda renegando pessoas com o mínimo de desvio de um cruel e estreito padrão de um tratamento humano? O próximo conto explora esse cenário, convidando-nos a uma reflexão acerca da beleza da mente humana e da importância de um olhar empático e acolhedor. O mundo é distópico, mas a reflexão é real. Como nos portamos diante do diferente?



## Mundo sem artes: Um mundo sem Nise da Silveira

*Cecília Dias Costa  
Gabriel Moreira Coelho*

*“A Dra. Nise da Silveira é a mulher do século no Brasil, por ter nos dado uma visão mais humana e inovadora da loucura como expressão da riqueza subjetiva de pessoas que são consideradas deficientes mentais ou portadoras de distúrbios psíquicos. A Dra. Nise nos ensina a descobrir por trás de cada louco, um artista; por trás de cada artista, um ser humano com fome de beleza, sede de transcendência.”*

*Frei Betto*

*“Só os loucos e os artistas podem me compreender.”*

*“Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas.”*

*Nise da Silveira*

Antes da distopia, a fim de contextualizar o leitor:

*Na distopia a seguir tiramos Nise da Silveira da história e agora a arte nos hospícios é proibida, e os tratamentos invasivos e desumanos continuam. Acompanhamos no conto, uma mulher, sem nome, por já não saber quem é, essa mulher vive com transtornos mentais no seu dia a dia, e junto a eles narra alguns dias e memórias no manicômio. Se os seus relatos forem lidos atentamente é possível ver os antigos tratamentos que eram feitos com pacientes e a repressão dos médicos pela descrença de que a arte e as expressões artísticas no geral poderiam ajudar e salvar os pacientes.*

A brisa do campo balançou os meus cabelos, o céu estava mais azul do que todos os outros azuis do ano que estive acima de mim, do nada ouço um grito, lembro-me de que estava fugindo, mas parei para admirar o céu, um homem vem correndo atrás de mim e eu já sei o que ele quer. Meus pensamentos são meus e ele quer tirá-los de mim. Corro o mais rápido que posso, mas ele continua a me perseguir. Olho de relance para trás e vejo que agora ele tem algo em suas mãos, aquilo que ele segura é uma valise preta e, o que tem dentro dela já estive preso na minha cabeça, enquanto outros como ele seguravam minhas pernas, meus braços e prendiam a minha bacia. Aquela máquina entra na minha cabeça e lê todos os meus pensamentos. E o que sinto quando isso acontece é a mesma coisa que provavelmente o céu sente quando nuvens pesadas chegam e provocam uma tempestade cheia de descargas elétricas. De repente, correndo, entro em uma das salas de dormir, onde vários de nós, pacientes, alguns menos loucos, estão deitados amontoados para se aquecerem do frio que nos assola, alguns aparentam estar mortos, de tão aquecidos parece que sufocaram. Na sala não existe mais saída, o homem me alcançou.

Em um pulo acordo do meu pesadelo, mais uma vez me vejo presa na minha cama por me mexer muito quando durmo e as vezes acordo violenta, mas hoje acordo apenas assustada por causa do sonho e pelos gritos terríveis que ouço saindo do porão, tenho certeza de que é uma das mulheres que ontem não obedeceram ao Doutor, ou então alguém que usou a comida para pintar. Eu fico quieta aqui esperando mesmo que os fantasmas a noite me mandem gritar, eu ainda tenho esperança de que quando a minha amiga sair dos porões e vier me buscar, ela vai desamarrar essas cordas que me impedem de ir lá fora. A porta se abre pela primeira vez no dia, desejo com todas as forças que seja o meu dia de sair daqui, mas quem abre é um monstro com uma face que eu nunca havia visto por aqui, pelo menos hoje eu terei companhia.

“Eu acabei de ver o capitão” disse o monstro, e eu não me importo, penso, da última vez que estava conversando com um monstro parecido com esse, me levaram para a sala que nos fazia rodar, me colocam numa cadeira no alto, me amarram nela, e sempre sem êxito tento fugir. Quando a cadeira

começou a girar, eu achei divertido e até comecei a me arrepender de ter gritado com os enfermeiros. Mas a diversão durou apenas alguns segundos; girava, girava, e girava tanto que os fantasmas que pareciam presos na minha mente reviraram no meu estômago me fazendo vomitar. Depois eu acordava já em outra sala, mas as lembranças amedrontam a minha alma.

“Eu sei quem você é”, diz o monstro, insistindo, agora ele chama a minha atenção e ele sabe disso por causa da rapidez com que o encaro. Tento perguntar quem eu sou, mas faz tanto tempo que não falo que minha garganta parece já ter se fechado, ou então, é apenas um dos fantasmas mais uma vez brincando de segurar a minha voz. “Você quer ser um pássaro? ” Eu iria responder que sim, mas ele já havia me desamarrado e saído.

Ando devagar até o pátio, e lá pequenas mulheres evaporam ao lutar com a chuva, mas o canto delas me faz sorrir, por mais que me aparentem mortas também parecem felizes, elas vão pagar caro pela música que estão cantando, mas não parecem se importar. Continuo andando e ouço gritarem que sou louca, não sei qual loucura eles falam sendo que sou como os outros fora daqui, pelo menos eu era antes de me deixarem com essa aparência que de longe não é a minha; esse corpo não é o meu, espero que me devolvam meu corpo quando eu sair daqui.

Ontem mesmo presenciei um cortejo, não sei quem havia morrido, mas parecia um enterro por causa da música fúnebre, por causa das nuvens frias e pelo som esquisito, mas alegre, escutei de um fantasma qualquer no pátio.

Tento sentir tristeza, mas nada vem. Mulheres de preto choram e olham para mim, sinto que devo chorar, mas um riso estúpido sai da minha garganta, reagindo eu viro e volto para dentro; pergunto ao doutor quem morreu, mas para minha surpresa, além de mim, ninguém mais viu o sepultamento. Eu me arrependi imediatamente de ter falado aquilo, pois mais uma vez me levaram para uma sala e o Doutor novamente tinha em mãos a valise preta.

Todos os dias tento me lembrar de como vim parar aqui, de quem eu era, e

isso rasga-me em pânico, mas engulo a agonia porque chorar só vai fazer acharem que o tratamento não anda bem, só vai fazer me chamarem de louca. É o que você é. Os fantasmas começam novamente, aperto meus ouvidos com força, tentativa vã de tentar calá-los.

Certa manhã fria e úmida, acordei assustada porque o homem que queria roubar meus pensamentos corria atrás de mim de novo, esperei quieta as gentis mulheres que me desamarrariam caso eu aparentasse tranquilidade. Elas vieram junto com alguns fantasmas que me acompanharam até lá fora e sussurravam nos meus ouvidos no ritmo de cantigas alegres “ele está chegando, ele vai te pegar, ele vai pegar seus pensamentos e vai usar, nunca vão te deixar sair, nunca vão te deixar morrer...Ele já está aqui, olhe bem para cá.” Tampe meus ouvidos com força tentando fazer com que eles parem de falar, pego uma pedra no chão e, mesmo sabendo que é proibido, começo a desenhar no chão, o barulho estridente diminui a voz dos fantasmas. Continuo a desenhar animais, primeiro um cachorro, depois um gato e agora me vem a vontade de escrever, faz tempo que não escrevo, mas vou arriscar.

Um pássaro no céu canta tão forte

Que perde a sua bela voz,

Pegaram o pássaro, cortaram suas asas,

Mas continua o pobre pássaro

Viajando e viajando sem sequer sair do lugar.

Meu coração é um pássaro

Que se transformou em ar

Apenas para poder voar,

Logo meu corpo também é feito de ar.

Ar que sussurra sem emitir som algum

Ar que entrou na minha pele e arrancou-a de mim

O ar já não me parece vida,

Se assemelha a uma arma.

Tal arma que jorra sangue,

O meu sangue que tanto queria jorrar, o mundo está sangrando

Do cano daquela arma.

E as palavras são como vida

Que esconderam as balas da arma de sangue.

E o meu mundo é uma teia entrelaçada de palavras,

De palavras proibidas, e da tal arte que não se deve fazer.

Foi proibida por causa de seus perigosos devaneios,

Mas as palavras me fazem companhia

Afastam minhas trevas

E impedem o que cresce com a minha solidão

Impedem minha besta interior de me consumir.

Olho para cima e vejo o Doutor com o homem do meu pesadelo logo atrás, andando rápido até mim. Olho para o chão todo rabiscado com as minhas palavras... Agora eu não sei mais o que acontecerá, tento me agarrar à esperança, mas agora acho que não existe mais salvação para mim. Minhas palavras e minha loucura me fizeram viver, mas também me farão morrer.

\*\*\*



## Um mundo sem Bertha Lutz

**B**ertha Lutz foi uma zoóloga brasileira, mais conhecida pela sua posição de liderança na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras. Nasceu em São Paulo em 2 de agosto de 1894, e faleceu no Rio de Janeiro em 16 de setembro de 1976. Parcialmente educada na Europa, teve forte influência do movimento sufragista britânico. Teve papel fundamental na criação da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher e da primeira escola de enfermeiras no Brasil, além de ter participado de várias outras ações que resultaram, por exemplo, no direito ao voto feminino, em 1932. Uma mulher tão importante como Bertha, dificilmente pode ser substituída. Torna-se difícil pensar o mundo atual sem a presença dessa personagem, pelo menos sem alterar significativamente o desenrolar da história. Como ficaria o cenário da luta pelos direitos das mulheres no Brasil, caso Bertha nunca tivesse existido? O próximo conto narra a trajetória de uma nova personagem que emerge em um Brasil distópico, marcado por atrasos na visão das mulheres, no atraso de uma luta que não contou com a força e voz de Bertha. Uma nova personagem surge dando ares de esperança, porém, dando vazão, também à importante reflexão sobre a relevância individual e coletiva das mulheres na construção da nossa realidade atual, sobre sua importância na construção dos nossos saberes e como protagonista nos avanços históricos.



## Um Brasil sem voto feminino: Um mundo sem Bertha Lutz

*Maria Eduarda Souza  
Murilo de Oliveira*

São Paulo, 13 de junho de 1978.

Hoje me chamo Maria Luisa Salgado, esse é um dos meus muitos nomes, essa é uma das minhas muitas histórias. O dia começou calmo, como todos os outros, às quatro horas da manhã. Consigo imaginar um mundo diferente do que vivo, quase me deixo enganar por esses singelos minutos de liberdade, é o único momento no qual eu consigo escrever sem ser descoberta. Às seis horas, com todos já acordados, o mundo se agita, não tenho mais paz, muito menos calma. O sol nasce em um enorme céu azul e carrega consigo as correntes que me prendem e trancam a minha liberdade. O Brasil, também chamado por mim de inferno feminino, vive um colapso social, mulheres não têm segurança, fora ou dentro de casa, não têm direitos políticos, não têm direitos conjugais e muito menos direitos sobre seus corpos, mas afinal, quem possui direitos em uma ditadura, senão os ditadores?

Já passam das seis horas e trinta minutos da manhã, estou pronta para sair de casa, peguei a minha carta de autorização de saída – nós mulheres precisamos da autorização de um homem, pai, marido, irmão ou filho, para que possamos circular sozinhas pela cidade. – Eu, há alguns anos atrás, cansada de ter minha voz reprimida e meus direitos ainda mais controlados, me casei com meu melhor amigo, Heitor, ele é homossexual e vivemos muito bem juntos. Heitor é compreensivo e podemos conversar e imaginar juntos um país melhor, com uma população livre. Inicialmente nos casamos para que ele me concedesse, sempre que eu precisasse, o direito de ir e vir sem questionamentos, e, em troca, eu o daria um ótimo disfarce, para que sua sobrevivência não fosse ameaçada por essa sociedade governada pelo ódio e pelo autoritarismo.

Me agasalho bem, estamos em junho e aqui é inverno – o engraçado é que mesmo com meus trocadilhos chamando este lugar de inferno, posso sentir os ventos gélidos cortando minha pele à medida em que ando pelas ruas de São Paulo. Ando tranquila como quem não quer nada, ensaiando muito bem as palavras, pois se um militar me parar, já sei que devo dizer que fui comprar verduras ou carnes, para que pudesse preparar uma refeição para o meu belo marido. Não é verdade, claro, mas não posso dizer a eles por qual motivo estou fora de casa, seria levada presa para o DOPS, como tantas outras, nem Deus é capaz de descrever o que acontece ou está acontecendo com mulheres lá nesse exato momento. Tive muita sorte de conseguir sair do Rio e vir para São Paulo com outros documentos, vivendo em completo anonimato, olhando pela visão dos militares. Quando minhas melhores amigas de luta, Luane e Flávia, foram presas, eu sabia que não poderia exigir delas um sigilo por muito tempo, desde que começamos esse movimento resistivo juntas prometemos para nós que caso alguma fosse presa, fugiríamos o mais rápido possível, para que a presa pudesse contar o nome e tentar reduzir as sessões de tortura. Assim eu fiz. Eu e Heitor deixamos o Rio de Janeiro há seis meses e fomos encaminhados para essa enorme cidade onde ninguém nos reconheceria. Nossos documentos foram trocados, nossos pais não recebem notícias nossas e não mantemos contato com nenhuma pessoa sequer de nossa antiga vida. A ditadura nos obriga a viver no absoluto anonimato.

Entro em um mercado, aparentemente somente um senhor de idade está lá, que atende as poucas pessoas que entram para comprar ali, peço a ele três tomates e duas cebolas, ele entende a mensagem e me entrega um avental, ri e finge que somos muito próximos, parentes, puro teatro para que eu pudesse ir para o fundo do mercado sem parecer suspeito. Vou para o depósito, um cômodo aos fundos, vejo um símbolo de flor desenhado em uma das prateleiras, arredo ela e abro, com uma chave enrolada no avental, a porta que estava escondida atrás da flor. Passo pela porta e a tranco por dentro, depois disso, desço as escadas para o porão.

— Desculpem-me senhoras, prometo que o atraso de hoje não irá se repetir, tiveram que esperar muito? - Pergunto sorrindo enquanto eu me direciono até a frente das fileiras de cadeiras. — Fico feliz que tenham se arriscado para

estarem aqui hoje, é, com certeza, um dos maiores atos de coragem. Recebi ontem pela noite, uma notícia de nossas irmãs de Minas, da Capital, do Sul do país e de alguns estados do Norte, creio que essas informações também foram repassadas para a resistência do Rio, mas como sabem, não posso entrar em contato com elas. As resistências planejam começar a Revolução ainda esta semana, conseguimos reunir armamentos, pessoas treinadas e distrações suficientes, mesmo assim, eu sinto muito, mas tenho plena certeza de que muitas perderemos nossas vidas pela causa, minha esperança é que outro lado da guerra tenha maiores perdas. Enfim, vocês estão prontas para entrarem para a História?

Todas aplaudem e dizem que sim, em uma única voz.

Isso o que acaba de acontecer são mulheres sentindo que pertencem a uma causa, que sabem que suas vidas podem fazer mais sentido, possuindo um grande propósito, uma função além de ser uma dona de casa e além de ser uma refém desse sistema. Meu olho brilhando nesse momento reflete a emoção que toma conta do meu coração ao presenciar uma cena como essa, sei que todas ali estão sentindo a mesma coisa, posso ver. Acabado o discurso, eu com a ajuda de nossas líderes táticas, descrevemos de forma detalhada todo o roteiro da semana e como ocorreria no dia final, também já deixamos uma série de escalas de lugares para cada pessoa, contendo suas tarefas específicas. Elas saem aos poucos para não trazer suspeita, algumas iriam para outras reuniões espalharem a notícia que eu acabo de dar, outras iriam para seus lares se prepararem para o que estava por vir e umas iriam para pequenos laboratórios, priorizando aumentar a quantia de bombas caseiras para os nossos atos. Designamos motoristas para ficarem aqui e fazerem o transporte das armas. Entretanto, eu estou indo para casa, preciso terminar de elaborar nosso plano e me preparar de todas as formas possíveis para o que aconteceria.

Saio do mercado com algumas sacolas de verdura na mão, com passos acelerados e firmes, fiquei por muito tempo fora e, caso demore, talvez escureça, acabando por ameaçar os meus planos. A seriedade das pessoas

na rua corta o coração e faz o estômago embrulhar, os únicos felizes são os militares, que passam com enormes carros pela rua, assobiando e fazendo piadas. Finalmente chego em casa, Heitor me pergunta como foi e sinto seu olhar de preocupação depois de todo esse tempo fora, explico o que aconteceu e aproveito esse momento para contá-lo sobre como irei atuar no ato que acontecerá, ainda não havia contado, pois sem dúvidas será uma manobra arriscada e não sei se continuarei viva. Respiro fundo e começo a detalhar para ele tudo o que eu pretendia fazer, Heitor permanece com os olhos arregalados e fixos em mim, treme.

— Você não pode fazer isso, minha querida, está ficando louca? Eles são muito fortes e isso é muito arriscado! - seus olhos começam a marejar e então eu o abraço forte.

— Calma, Heitor. Tá tudo bem, eu vou conseguir. Não fique desse jeito, jamais vou te deixar sozinho nesse mundo e espero também que não me deixe. Não somos amantes, mas somos os mais apaixonados e confidentes desse mundo! A nossa parceria e cumplicidade vai muito além do que qualquer um pode mensurar e isso me dá forças todos os dias. Sei o que aconteceria com você, se descobrissem sua sexualidade e quero combater isso. Não quero que você corra perigo e quero ser livre também.

Me afasto do abraço e seguro em suas mãos olhando bem fundo em seus olhos.

— Você sabe que merecemos isso, o povo merece! Não podemos viver como se tudo isso fosse normal, isso precisa acabar.

— Eu sei que você quer fazer isso pelo bem dos outros, Maria. Mas você pode se machucar muito e eu só tenho você, eu preferiria viver me escondendo do que viver sem você. Deixa que outra pessoa faça isso.

— Não posso não me envolver, amigo. Prefiro morrer lutando pelo que acredito do que viver desistindo de lutar. Eu te amo muito, mas não posso deixar de fazer isso.

O clima fica pesado e não sei o que fazer para melhorar isso, penso que talvez na nossa última semana juntos não seria bom ficarmos brigados. Chamo-o para ler um livro comigo, mas ele está muito deprimido e vai para o quarto.

São Paulo, 14 de junho de 1978.

São 4 horas da manhã e novamente sinto o som da liberdade ecoando quando aperto cada tecla na máquina de escrever, dessa vez não escrevo muito, pois logo eu preciso arrumar uma bolsa muito bem disfarçada para comparecer ao treinamento. Pego uma grande bolsa utilizada geralmente para ir ao mercado, coloco dinheiro em espécie, faca e um revólver no fundo falso dela, depois, por cima, coloco alguns panos e frutas. Pego a minha carta de autorização e, em silêncio, saio antes que o Heitor acorde, não quero que ele se desgaste mais.

Ando pelas ruas ensaiando a mesma desculpa de ontem, o casaco enorme com o qual estou vestida pesa um pouco sobre meus ombros e tento acelerar um pouco o passo, mas sem parecer suspeita. Ao passar pela porta do mercadinho em que fui ontem, vejo que todas as bancas estão reviradas e o senhorzinho não se encontra mais no caixa, malditos! Paro em uma esquina e entro em um carro lá estacionado. Duas outras mulheres estavam dentro dele e um homem era quem o dirigia. Sem que ninguém falasse nada, assim que fecho a porta, o carro começa a nos levar em direção ao destino que não saberíamos qual era até chegarmos. Saímos da cidade, já faz uma hora que estamos no carro, entramos para dentro de uma estrada rural quase abandonada, 20 minutos depois paramos em uma casa simples, mas que mantinha diversas meninas na frente, treinando. Saio do carro e vou andando até atrás da casa, em um lindo gramado. Lá, tinham diversas mulheres treinando suas miras com armas, a instrutora me oferece várias para que eu pudesse escolher com qual eu me adaptaria mais. Fiquei até o almoço apenas treinando tiros com pistolas e silenciadores, depois, fui para a varanda da casa, onde todas faziam filas para comerem.

— O que está achando disso tudo? Você tem medo? - Me perguntou apreensiva uma menina de aproximadamente 16 anos, um lugar à minha frente na fila.

— A propósito, meu nome é Estrela.

— Acho que medo todas as pessoas têm, é normal. Mas tenho ainda mais medo de continuar deixando as coisas assim como estão. - Respondo, e, agora com um olhar triste continuo a resposta. — Já perdi muitas pessoas para esse sistema, o medo continua independentemente de fazermos algo ou não, a diferença é que se fizermos, temos esperança de que um dia isso seja diferente. Me chamo Maria Luísa, vai ser um prazer servir a essa causa com você, Estrela!

— O prazer vai ser meu, também perdi muitas pessoas, quase toda a minha família. Meu sonho era crescer e poder formar a minha, por isso estou aqui, preciso de um mundo melhor para criar pessoas boas nele.

— Que bom saber que tem planos para o futuro, espero que consiga realizá-los. - Ela sorriu de canto e a fila andou, paramos de conversar e cada uma foi para um canto comer. Senti um brilho nessa menina tão jovem que de fato combina com seu nome, ela é uma verdadeira estrela.

Quando termino o prato de comida e o lavo, sou designada para novas atividades. Uma outra instrutora iria treinar comigo sobre como atingir pessoas em locais específicos com facas, socos e qualquer objeto, isso iria ajudar a complementar o meu plano. A instrutora decide, ao final do treino, fazer um treino corpo a corpo comigo para que eu pudesse colocar em prática o que aprendi e ver se estava pronta mesmo, eu já sabia muito sobre isso e apenas aperfeiçoei. Ao final do treino, concordamos que estava bom, mas que deveríamos treinar mais algumas vezes para que ficasse perfeito. Já era tarde e eu precisava ir para casa, entro em um dos carros e durmo no caminho de volta ao lar. Acordo apenas quando já estamos muito perto da minha porta, assim que chegamos, o carro estaciona e eu desço, indo ligeiramente até a porta e abrindo-a. Entro em casa e vejo Heitor calmo sentado no sofá, ele vem me receber na porta e me dá um abraço apertado.

— Espero que tudo isso acabe logo, fico preocupado com você saindo de casa e ficando fora o dia todo. Só tenho você e vamos viver muito tempo juntinhos ainda. - Ele sorri e se afasta um pouco - Vem comer, preparei um

frango assado muito bom, acho que você vai amar!

Vamos para a cozinha e me sento em uma cadeira enquanto ele vai até o forno retirar o frango lá de dentro. Um enorme barulho é ouvido e Heitor deixa o frango cair no chão, militares invadem a casa apontando armas para nós.

— Acharam que não iríamos descobrir vocês? - Um deles pergunta com a voz sádica e o olhar perverso. — Vasculhem a casa e busquem pistas do que ela está organizando com essas saídas sistemáticas. - Ele ordena com uma voz imponente e olho para Heitor que está completamente desesperado.

Alguns militares continuam apontando armas para nós enquanto outros vasculham a casa. Algum tempo depois, um deles volta com várias folhas em sua mão, não consigo distinguir quais eram e como se fosse algo muito importante, parto para cima do militar que carrega os registros, um tenta atirar em mim e Heitor, no desespero, tenta me proteger, mas cai baleado no chão.

Minha visão fica turva e é rapidamente tomada por lágrimas, meu coração bate rápido e não consigo acreditar no que estou vendo. Me ajoelho no chão segurando sua mão já quase sem vida, grito alto e esses gritos de dor se misturam com meus soluços e gemidos de dor.

— Ajudem ele, por favor! Ele não tem culpa de nada, por favor! - Grito como se de fato alguém fosse me ajudar.

— Força, querida. - São suas últimas palavras.

Assisto seu corpo perdendo a vida e desistindo de lutar, começo a bater em seu peito e balançar a sua cabeça. Não tem mais jeito, ele se foi e eu também. Logo os militares me pegam à força do chão e nem tento resistir, não teria forças para isso.

Sou colocada dentro do camburão e levada para um presídio, no carro, ouço um deles lendo um pouco alto partes do registro. Ouço-o falar sobre rotina e democracia, mas nada sobre o plano, acho que a parte que escondi continua escondida. Nessa hora, meu coração se parte ainda mais, Heitor morreu por nada. Sua morte não teve propósito ou justificativa, minutos depois de falar de nossa longevidade, ele me deixa sozinha para sempre e por uma precipitação minha, por uma saída minha e minha falta de cuidados. Eu não acredito que isso aconteceu, não com ele, que jamais teve nada a ver com o assunto, não quando a bala não era pra ele. Ela era pra mim, tudo era pra mim e a culpa era minha. Perdi meu companheiro para sempre e não podia culpar outra pessoa além de mim mesma.

São Paulo, 17 de julho de 1978.

Pouco mais de um dia que estou aqui e devo dizer que não importa onde o sol esteja, estou totalmente sem liberdade assim como tantos outros que aqui se encontram. Ainda não chegou a minha vez de ser interrogada, quando pergunto sobre, minhas colegas de cela não pronunciam nenhuma palavra, acho que não conseguem pensar e nem falar sobre. Também não insisto, se não tiverem achado os papéis com o plano descrito, esse inferno logo vai acabar.

As horas custam passar e já é noite, não tenho muito a contar já que nada aconteceu durante o dia, apenas pessoas sucessivamente sendo arrancadas aos gritos de suas celas e seus colegas chorando sem parar e sem saber o que aconteceria então. Cada vez parecia ser algo diferente, pessoas voltavam machucadas de formas diferentes e lugares diferentes, outras já nem voltavam. Não sei se era melhor ou pior, o sofrimento acabou, mas a vida também.

Aproximadamente por volta de 22 horas, um guarda chega na porta da minha cela e a abre, me puxa e sem resistência eu vou, eu já sabia que isso aconteceria uma hora ou outra e penso que não pode haver dor física maior do que a emocional que sinto nesse momento, que me matem de uma vez e me poupem de maior sofrimento.

Chego até uma sala escura, sou algemada na cadeira e um homem mais velho e alto vem até mim, ficamos sozinhos na sala e ele passa a mão no meu rosto.

— Um rostinho tão rosado, um cabelo tão macio, olhos tão arregalados e um corpo lindo... Você tinha de tudo para se dar bem na vida, ser esposa de um militar e viver bem, preferiu ser essa nojenta imunda que é contra o nosso avanço e contra os nossos valores. Sinto de verdade pelo que vem agora, mas não posso evitar, afinal, você quis assim.

Ele se afasta e pega uma espécie de raquete, quando chega perto a deixa em cima da mesa que está perto de mim, retira um estilete do bolso e rasga minha blusa.

Continua rasgando todas as minhas peças de roupa até que eu me encontre totalmente nua. Me desalgema da cadeira e me coloca agora algemada em uma barra fixa que descia do teto, pelo vidro espelhado, outros também assistiam.

— Vou perguntar e você vai me responder, não quero fazer nada com você que não seja necessário...

Ele diz e se aproxima de mim, meu corpo está todo gelado e com calafrios, tento resistir e me manter firme, sei o que vem pela frente e tento pensar que logo acaba.

— Sei que aqueles registros não tinham nada a ver com o que você fazia fora de casa, estivemos te monitorando e sabemos que se reúne com outras mulheres, preciso saber o que pretendem. - Ele vem até a minha frente e olha nos meus olhos aguardando resposta. — Se eu fosse você, falava logo, eu não vou continuar sendo bonzinho com você. - Dou uma cuspidinha em seu rosto e seu semblante se enfurece, sou agredida diversas vezes em partes separadas do corpo. Não consigo distinguir se é por falta de coordenação ou porque está tentando achar meu ponto fraco. — Diga-me quem é a líder da rebeliãozinha de vocês.

Ele pergunta novamente e eu continuo sem pronunciar nenhuma palavra, nessa hora, outros militares entram na sala e tiram da parede dois fios, eu sabia o que eram e meu corpo se arrepiou no mesmo instante em que senti cada fio sendo colocado em um lado da minha orelha.

— Diga de uma vez, ou as perguntas irão aumentando.

— Diga o nome da sua líder! - Gritou já sem paciência, se é que um dia teve

uma, e, sem resposta, ordenou que ligassem os choques.

Sinto meu corpo ser invadido por uma dor até então extremamente desconhecida, agonizante e forte, junto com os choques recebo ainda mais agressões da palmatória e meus olhos se fecham forte ao passo que meus dentes cerram um no outro. Novamente mais uma pergunta que não respondo e a cada uma delas a tortura piora, dessa vez, molharam todo o meu corpo com um balde e mudaram o local do choque. Não adiantava, eu não iria falar, minha vida já não tem mais importância e não consigo encontrar motivos para lutar.

— Olha aqui, é sua primeira vez aqui e acho que ainda não entendeu. Ou você colabora, ou você vai perder a vida assim como seu maridinho. Mas, acho que pra você não importa, né? Que ele tenha morrido por sua culpa, a vida do seu amado era menos importante do que aquele monte de nada que estava escrito? - O general que me tortura começa a rir e sinto todo o meu corpo estremecer.

Nessa hora minha dor física e a emocional se juntam, não consigo suportar e vomito o pouco que tinha no meu estômago ainda do dia anterior. Minhas pernas cedem e fico erguida apenas pelos braços algemados na barra.

Acordo na cela, vestida e quase sem conseguir me mover, as meninas me oferecem um lanche, mas não dizem nada sobre o que aconteceu. Agora entendo o motivo delas não quererem conversar, é doloroso até imaginar o que aconteceu. Consigo mexer o braço para pegar a comida e a água, depois de alguns minutos consigo me sentar e passo a mão por algumas partes do corpo sentindo e analisando alguns hematomas. Meus olhos se enchem de lágrimas e agora minha pele reflete a minha alma, estava frio e não tinham cobertores o suficiente para todas nós, uma delas me vê tremendo e me oferece o seu, não digo nada e ela coloca ele sobre mim. Fico o dia todo deitada, sem falar, sem pensar e sentindo a minha vida ir embora aos poucos, junto com os gritos dos que são levados.

Escuto gritos e sons de tiro, ainda não consegui dormir, mas perdi a noção das horas. Vou até a grade da cela para tentar perceber o que estava acontecendo e outros fazem o mesmo. Vejo Estrela apontando no final do corredor e começo a gritar seu nome, seus olhos se enchem de alegria e ela corre até mim. Um militar que já estava baleado no chão consegue pegar sua arma e Estrela cai poucos passos antes de chegar na minha cela, atingida pela bala. Ela segura forte o seu ferimento e grita pedindo ajuda, não demora muito e outras mulheres que eu também conhecia vêm para ajudá-la. Duas a carregam enquanto ela continua apertando seu ferimento, outras começam a gritar explicando tudo antes de nos libertar.

— Hoje iremos invadir o quartel central da cidade, mas precisamos da ajuda de vocês. Nosso plano inicial era irmos para lá apenas nós, mas percebemos que não conseguiríamos fazer isso sem a força de vocês que estão aqui resistindo em nome da causa. Vocês serão libertos e os que tiverem força e vontade, estaremos aguardando vocês nos caminhões estacionados na saída. Força e coragem!

Ela terminou e começaram a nos soltar, quando chegaram em minha cela, saí com pressa até os caminhões para tentar achar Estrela. Me disseram que ela estava em algum posto médico dentro da prisão, mas eu não sabia onde ficava e não podia ir agora, os caminhões saíam rápido e precisávamos seguir adiante. Subo na traseira de um deles e me limpam com alguns panos, troco de roupa e coloco uma roupa limpa. Os caminhões saem e se espalham pelo centro e com o sol e as grades fora de cena, nada poderia nos prender para o que estava por vir agora, não estamos mais nem minimamente trancadas. A escuridão traz consigo um charme que combina conosco, combina com nosso ódio, com a nossa sede. Todos estão vestindo roupas pretas, capuzes, também armas e coletes. Após algum tempo ocorre a primeira parada, duas de nossas irmãs são deixadas em um prédio abandonado, antigamente usado como base para o movimento sufragista que, no Brasil, não chegou a conquistar o básico. Agora, que estamos mais fortes, mais armadas e mais rancorosas, usamos o mesmo local para reivindicar nossos direitos e lutar contra o sistema. Elas sobem até o último andar e colocam suas miras, utilizando duas SVD

Dragunov, contrabandeadas por nossas apoiadoras russas, as miras ficariam acompanhando cada passo nosso. Logo seguimos em frente, deixando um par em cada prédio conhecido, no fim, apenas metade sobrou, essas, ficariam para o combate corpo a corpo.

Eu saio do caminhão uma rua antes, coloco um vestido longo e um sobretudo de alta costura, preciso estar apresentável, portando uma pistola com um silenciador e guardando facas e pequenas bombas de fumaça enroladas no corpo, escondidas, corto a minha mão propositalmente e vou andando até o quartel central da cidade, alguns militares assobiam quando me aproximo e eu inicio um choro falso, gritando que eu me cortei em uma lata no meio da rua, enquanto estava indo buscar produtos para o meu marido e leite para nossos filhos (não tenho filhos), alguns, tentando se aproveitar, chegam perto com olhos famintos e dizem que vão me ajudar, que para isso eu só preciso entrar no quartel, então concordo, e enxugo as lágrimas com a minha mão não cortada.

Estou dentro, finalmente, um deles me leva para uma sala escura e vazia, sei o que ele pretende fazer, mas ele não sabe o que eu pretendo. E então ele chega com o corpo perto de mim, tentando me beijar, em um movimento rápido, com o corpo cheio de adrenalina, eu pego uma faca amarrada na perna e corto a garganta dele, onde coloca a mão tentando conter o sangue, e cai ao chão com os olhos arregalados e já sem vida. Cortando-o na garganta, ele não poderia gritar por ajuda, não poderia clamar por socorro e a última imagem que veria, seria de uma mulher, que subestimada por ele, tirou a sua vida com muita facilidade em um momento de distração, para uma pessoa como ele, isso doeria mais que o próprio corte. Para a minha sorte, o verme, que agora está morto na sala, tinha pedido a seus amigos para darem-lhe privacidade, com isso, vou andando pelos corredores silenciosamente e encontro outro militar, de costas, dessa vez, eu tiro uma pistola, amarrada em uma bandoleira por dentro do sobretudo e acerto um tiro em sua cabeça. Pego seu isqueiro e volto para a sala em que eu estava antes, onde o primeiro foi morto, logo, eu coloco fogo em suas vestes e em uma pilha de papéis em branco que estavam lá, o alarme de incêndio é acionado, saem os militares

às pressas, muitos desarmados. Nosso caminhão se aproxima, e as mulheres começam a atirar contra os militares, não só balas, mas também bombas caseiras, coquetel molotov e tudo o que conseguimos nós mesmas produzir. As irmãs que estão nos prédios miram nos que pretendem atirar contra nós, protegendo suas amigas.

São Paulo, 29 de Julho de 1978.

O dia começou agitado, como nenhum outro, são 5 horas da manhã e hoje posso dizer, nada parece calmo, ouço gritos de alegria enquanto distribuimos as bebidas deles (militares) para nós, mais um quartel inteiro se foi, outros virão atrás de nós, mas a Revolução começou, cumprimos com o nosso propósito, por hora. Mulheres de todo território brasileiro começam a se alistar no Exército das Guerrilheiras Vermelhas (EGV), dezesseis dias após o início da Revolução. As roupas logo foram sendo fabricadas, com a ajuda das habilidades de nossas irmãs costureiras, que sempre foram instigadas a trabalharem nesse tipo de serviço, agora elas nos ajudam com uma felicidade, com a certeza de que todo esse movimento faz a diferença e se sentem diretamente importantes para todas nós, como realmente são. As roupas possuem traços marcantes, como mangas em tons verdes, capuzes em tons marrons para se camuflarem na vegetação brasileira, mas no seu interior, existe uma faixa não visível por fora, que é vermelha, tão vermelha quanto o sangue de nossos inimigos, juntamente com uma rosa preta bordada no seu exterior, que assim como nós, é bela, porém é repleta de espinhos que causam dor a qualquer um que ousa lhe tocar. Os uniformes foram ganhando uma maior padronização, adotando cortes bem desenhados e uma imponência que amedrontava os que por muito tempo nos oprimiram.

Mesmo com tudo isso, a Guerra ainda não terminou, com o domínio dos quartéis, um a um, nós adquirimos muitos armamentos, portanto, com a organização do nosso movimento, vamos invadindo todos os pontos militares, dominando cada DOPS, um a um, chegando a controlar a sede do DOI-CODI no Rio de Janeiro e a disponibilizando como base tática para as pessoas que mais se destacam dentro da Revolução. Milhares de homens já adentravam ao movimento, ajudando nossas camaradas no front da batalha, em protestos e politicamente, em que se utilizavam da sua até então “vantagem” de ser homem, para protestar onde ainda a ditadura conseguia mandar.

Depois, com mais expedições de militantes em todo o Brasil, com as chamadas “Gracinhas”, apelido pejorativo que nos deram, mas que agora usamos como ironia contra os tão temidos militares, que agora nos pedem misericórdia.

Infelizmente, após uma luta civil tão severa, perdemos muitos entes queridos, quase metade de nosso EGV deu sua vida pela causa, do outro lado, muitos mais também se foram, agora, o povo brasileiro se vê próximo à liberdade. Chegando aos meados de dezembro de 1981, aprisionamos todos os chefes de região do Sudeste, nomenclatura adotada após o início da revolução pelos militares, uma hierarquia superior, que só ficava abaixo dos principais governantes.

Postos avançados são criados por todas regiões do Brasil, excluindo o Sul, onde as tropas revolucionárias não conseguiriam chegar. Cada vez mais, a EGV cerca as tropas militares e é nesse momento que Ernesto Geisel declara a retirada militar, recuando todas as forças para a região do Sul do Brasil, onde a revolução não teve grande impacto ainda. Fábricas armamentistas são esvaziadas e incineradas, plantações que serviam de suprimento de cereais para os soldados são destruídas, utilizando a estratégia de “terra arrasada”, colocada em prática anos antes pela URSS na Segunda Guerra Mundial.

Já é 12 de outubro de 1978, foi criada uma forma de policiamento no Brasil, sem militarização e com o objetivo de atender ao povo, sem a corrupção do Estado. São conhecidos como “Guardiões da Paz”, o novo policiamento foi composto por homens e mulheres treinados, que eram aliados à causa e por filhos rebeldes de militares de alto e baixo escalão e que possuíam ação no Sudeste, Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Porém, mesmo com a revolução atravessando e se estabelecendo nos estados, adquirindo mais poder e influência, uma grande resistência militar é instaurada na Região Sul do país, com o Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e uma pequena região que ultrapassa a fronteira do Brasil, no Paraguai. Um país que estava no grupo das ditaduras na América do Sul, governado por um dos ditadores mais sanguinários do mundo, Alfredo Stroessner, um monstro.

Era 16 de junho de 1979 e a situação da luta era ímpar, os líderes do front de batalha clamam o meu nome, Maria Luísa Salgado.

— A situação está crítica, conseguimos libertar grande parte do Brasil, mas as nossas amigas do Sul foram dizimadas, algumas estão sofrendo tortura em campos improvisados! Isso é tudo o que eu sei no momento, nossa última informação da região foi há 4 dias .

— O contato foi cortado!

Nesse momento eu penso que o sonho de libertação pode estar mais longe do que pensamos e planejamos.

— Calma, meus camaradas. Nosso time tático está trabalhando arduamente, essa situação poderá adiar a nossa liberdade, mas não vai nos deter! Enviei os militantes mais preparados para a fronteira de São Paulo e Paraná. Vamos esquematizar um meio de burlar a estratégia da “terra arrasada”, mobilizando recursos e suprimentos para os nossos combatentes do front.

Com toda mobilização de nossos militantes e as maiores mentes especializadas em plantas táticas em conjunto com nossos amigos do campo no Centro-Oeste, conseguimos os recursos necessários e definimos inserções de ataques no Paraná. Hoje dormirei com a cabeça nublada de pensamentos, a ansiedade me perseguirá essa noite. Imaginar os horrores que os militares estão causando nas cidades, as maldades cometidas com os militantes presos, às nossas amigas da EGV. Isso tudo tem que acabar o mais rápido possível e eu darei cada gota de sangue para isso acontecer.

São Paulo, 18 de junho de 1979.

Acordo rapidamente e me direciono à sede diplomática na prefeitura, converso com nossos “diplomatas”, que eram constituídos por camaradas que conseguiram cursar “relações internacionais” no exterior, e digo a eles:

— Preciso de apoio internacional militar, fornecimento de dois submarinos e fuzis padrões de baixo custo, negociem com a União Soviética, principal governo que nos apoia.

— Vamos comunicar o pedido, como nossa embaixada na URSS foi abandonada pelos militares, teremos que acionar o avião presidencial que capturamos.

— Precisamos urgentemente!

São Paulo, 1 de julho de 1979.

Nosso pedido foi analisado e aceito, nossas demandas irão demorar 36 dias para aportarem em terras brasileiras. Enquanto isso, nossos exércitos militantes vão se posicionando e se preparando para a guerra, talvez a mais complexa, porém a menos extensa, pois os militares estão preparados e recebem apoio direto de outras nações.

Trinta e seis dias se passam, nossos submarinos chegam, um S-11, que o Brasil já teve como posse e foi destruído, além de um moderníssimo K-278 da quarta geração soviética, iremos estrear ele em combate. Fico abismada com a quantidade de fuzis AK-47 que foram fornecidos, estaremos bem preparados, o fascismo militar acabaria de vez no Brasil. Nossos experientes em campo de batalha colocam em prática um longo processo de instrução sobre o manejo do AK-47, que era bem simples e funcionava e supria as necessidades da revolução, assassinava os nossos inimigos sem falhar.

Passados 5 dias, nos mobilizamos para o local de início das inserções de ataque e utilizamos o rio Tibagi como rota dos submarinos até Curitiba, uma das principais cidades. -É meia-noite, nosso front de batalha está apenas ao nosso sinal, nossos submarinos são ligados e vão pelo rio até Curitiba, no K-278, há dois soviéticos militares especialistas cedidos para facilitar o controle, seria um ganho para os dois lados, pois é o primeiro teste real. Além de tudo, no S-11 contamos com os nossos engenheiros navais, que voltaram da França no pós-Guerra Mundial.

Já é dia, o sol nasce e o ataque já começou, os generais ficam abismados com tanto preparo, ordenam ataque total sem precedentes. Curitiba cai, milhares de homens são mortos, alguns generais fogem amedrontados levando a notícia, outros se matam com tiros na cabeça. Libertamos todos os presos políticos, nosso povo é liberto, eu retomo contato com nossas camaradas, tudo é emocionante, mas não podemos parar. Me organizo com os líderes,

alimentando e cuidando dos feridos, alguns que infelizmente perderam a vida são enterrados e homenageados, porém não temos tempo e logo voltaremos para dar a honra que merecem.

Partimos rapidamente para Santa Catarina, mas criamos uma base em Curitiba. Deixamos os submarinos e vamos por terra, os militares destruíram aviões, barcos, tanques, tudo e agora sofrem sem seus aparatos. O combate é olho a olho, revolucionário e fascista.

Avançamos e dominamos facilmente Santa Catarina, que bateu a maior parte dos homens em retirada. Geisel vê seu domínio chegando à estaca zero, tudo que ele tinha se concentrava em apenas um estado, o Rio Grande do Sul.

Nossa força, nossa busca pela liberdade, a raiva em cada olhar, não nos deixam respirar, marchamos até o último estado. Levantamos tiros, degolamos, lançamos granadas e molotovs, destruimos o poder militar no Brasil. Nosso exército paramilitarizado vence, a liberdade assola a nação, o mundo assiste. Alguns generais e militares de alta patente fogem para o Paraguai, recebidos por Alfredo Stroessner.

Por fim, O Ditador é julgado em nosso novo tribunal de guerra e é preso com uma pena perpétua estipulada por todos os crimes cometidos, foi o presidente mais sanguinário durante a ditadura, o último antes de organizarmos eleições seguras para o povo, onde pela primeira vez, mulheres puderam se candidatar e participarem também por meio do voto.

A notícia de sua prisão se espalha e civis saem nas ruas, um grande carnaval logo no início de fevereiro.

Alguns outros apoiadores do regime que sobraram, fogem, com medo, e se refugiam em outros países. Dominamos o Brasil, a ditadura acabou e agora, reunimos os principais líderes da Revolução e os novos governantes eleitos por meio do voto direto da população, para que seja formada uma nova Constituição. A participação feminina fez com que os debates e as leis

votadas fossem vistos como exemplo internacional, se as mulheres podem salvar o país, também merecem seus direitos políticos, afinal, nós somos a política.

Meses se passam, a estruturalização da volta da democracia se expande e, em março de 1980, o Brasil é reconhecido oficialmente como livre, mostrando a todos como o povo tem poder. Assim, passou a valer a Constituição de 1980, que muitos apelidam de “Constituição Interseccional”, que abrange todos os direitos igualmente para qualquer pessoa humana, com punições corretas para todos os casos.

Exiladas políticas retornam, sessões de tortura acabam, militantes recebem liberdade e saem das prisões de todo o país. Agora o sol não tem mais o poder de tirar a nossa liberdade, agora o seu nascer, vermelho escarlata, simboliza a nossa vitória sobre o inimigo. O Brasil nunca mais será o mesmo!

Porém, países como o Paraguai, Argentina, Bolívia e Chile nos assistem com repugnância, os antigos generais levam o ódio de nossa nova nação para esses países. O medo ainda nos assola, essas ditaduras estão se mobilizando, elas não vão aceitar uma derrota no maior país da América do Sul. Um tempo sombrio está por vir e o nosso povo tem que se manter forte, unidos, pois a guerra não acabou.

\*\*\*

## Um mundo sem Naoko Takeuchi

**N**aoko Takeuchi é uma mangaká (autora de mangás) japonesa, criadora do famoso mangá “Bishoujo Senshi Sailor Moon”, que já foi adaptado para animação. Nasceu em Kofu, em 15 de março de 1967, vive atualmente em Tóquio. Naoko é uma personalidade muito importante nos movimentos feminista e LGBTQIA+, ao colocar um grupo de heroínas como as protagonistas do mangá, além de ter sido pioneira na representação de personagens da comunidade LGBTQIA+ nesse tipo de obra. E se Naoko nunca tivesse existido? E se nunca tivesse surgido uma pioneira no mundo dos mangás a colocar como protagonistas um grupo de mulheres, a dar visibilidades e representatividades à comunidade LGBTQIA+ colocando personagens dessa comunidade em suas histórias? Teria alguém a sua coragem de reescrever esse mundo marcado pela presença esmagadora masculina? O próximo conto narra a história desse alguém, que desafiou a ordem vigente e encarou os preconceitos de um mundo que sofre com a falta de mais heroínas como Takeuchi. Heroínas que colocam a sua voz e sua visão, seus sonhos e anseios em suas histórias, não se deixando esmagar pelas regras do jogo. Mesmo que o preço seja alto demais...



## O conto da lua: Um mundo sem Naoko Takeuchi

*Lucas Eduardo Vieira de Jesus*  
*Carlos Matheus de Almeida Eufrazio*

Os cometas que cometia.

Tão jovem quanto suas ideias, Serena era o seu nome. Quem não a conhecesse bem, talvez pensasse que esse nome a descrevia bem, mas isso se limitava a sua aparência, sua pele clara, seus longos cabelos negros, seus olhos grandes que cuspiam na cara da sua descendência oriental e o seu comportamento observador, transpareciam um sentimento de calma. Mas calma não a descrevia por dentro, confusa era um adjetivo melhor, confusa consigo mesma, com as suas ideias, com o seu mundo. Escrevia muito do que vivia, vivia porque escrevia muito, e quando escrevia se conformava consigo mesma, mergulhava nela mesma e tentava procurar sua própria solução, algo puro, mais claro que a neve, e que brilhasse, brilhasse tanto que a afastaria de tudo que ela não gostava. Nascida na Terra do Sol Nascente, nunca se sentiu iluminada nem sequer por um segundo, naquele lugar.

Quando se formou, no que seria equivalente ao ensino médio, fugiu para os Estados Unidos, na desculpa de ir aprender inglês, caso seu pai fosse mais presente ou se importasse o suficiente, talvez impedisse, já que ela já era fluente. Aprendera a língua assistindo desenhos, mas principalmente um bem antigo, She-Ra, que não fez e não fazia sucesso, e era extremamente difícil de encontrar, mesmo na internet. Também lia quadrinhos, “The Wonder Woman”, amava a ideia, o conceito de uma mulher-maravilha, mas odiava o

que ela tinha se tornado no mais famoso grupo de defensores da humanidade, a “Liga da Justiça”, deixada de lado, mas por quê? Porque tinha um homem mais forte e outro mais inteligente, só restara para ela limpar a “Torre de Vigilância”. Sua mãe a conhecia melhor, apesar de cada vez mais distantes, ela sabia o verdadeiro motivo da viagem, escrever um livro, a obra que tivesse o brilho que ela sempre procurou, mas jamais seria capaz de concebê-lo naquele país, a mãe sabia disso e apoiava a viagem da filha.

Um dia antes da viagem, havia acabado de arrumar as malas, a poucos minutos de anoitecer, ela olhou pela janela, havia passado a tarde toda arrumando e pensando na viagem, quando olhou de volta para as suas malas, um pensamento brotou em sua cabeça, olhando para suas malas, poderia se dizer que ela não levava nada daquele lugar, havia, obviamente, roupas e acessórios comprados ali, mas ela poderia comprar tudo aquilo novamente, sem sair do aeroporto ao chegar no seu destino. Decidiu sair de casa.

Não havia motivo para ir ao parque àquela hora, mas precisava de algum motivo? Ela andava com a mente limpa, talvez anestesiada descrevesse melhor seu estado mental naquele momento, simplesmente andava. O parque ficava no topo de um morro e era consideravelmente afastado da cidade, mas sua casa estava no bairro mais próximo. No meio do caminho, as suas pernas a lembravam de que não estavam acostumadas com aquilo, mas resistiram até que ela chegasse no pé do morro. Olhando para cima, ficou parada por uns 5 minutos, que serviram tanto como descanso, quanto para lembrar da única vez que visitara o parque quando criança. Iniciando a subida no morro, qualquer um que a visse naquele momento diria que ela estava cansada e ela certamente não negaria, o parque era composto por caminhos asfaltados paralelos horizontalmente, que se ligavam até o topo do morro onde havia um templo e uma praça, ambos majestosos. Ao chegar no parque, continuou andando nas ruas, percebendo que não aguentaria ir até o topo, ela parou.

O lugar era bem iluminado, a maior diversão do parque era para as crianças que escorregavam nos murrinhos que separavam um caminho superior de um inferior, não se podia entrar com nenhum veículo e nem bicicletas, e

entre o asfalto e o morrinho havia pelo menos 3 metros de grama e uma bela cerca, assim podia se dizer que era seguro. Mas era noite, não havia nenhuma criança sorridente à vista, no máximo algumas pessoas caminhando, mas se juntasse todas que passaram ali durante a visita noturna dela, não conseguiria montar sequer um time de futebol.

Ela pulou a cerca de segurança e se deitou, mas se alguém a visse de longe, diria que ela despencou na grama. Ainda tinha disposição suficiente para levantar uma perna e apoiar o seu pé no chão, de forma que ela não escorregasse pelo morro até o asfalto de baixo, ela respirou e finalmente parou para pensar no que estava fazendo, pensou no perigo de estar sozinha à noite naquele lugar, mas ela não se importava, sua vida tinha que mudar, e se nenhum maníaco a encontrasse ali e ela chegasse segura em sua casa, sua vida mudaria no dia seguinte, de qualquer maneira.

Naquele momento ela se sentiu mal, e por algum motivo até se aquietou, como se alguém tivesse lido seu último pensamento, mas ali ela se questionou, talvez ela não fosse uma boa pessoa, ela tinha quase certeza disso, muitas pessoas diriam que seus pensamentos e atitudes eram pecaminosos, e ninguém pensava nisso mais do que ela, mas ela chegou à conclusão de que seu maior pecado, até aquele momento, era não tentar e apenas observar o que estava acontecendo e o que faltava ao seu redor.

Nesse momento ela viu o céu, ela já estava olhando para cima, como olhou a vida toda, mas naquele único momento ela certamente viu o céu, o céu noturno recheado de pontos de luz e manchas escuras, algumas luminosas que pareciam dançar entre as estrelas quando, subitamente, cortando o espetáculo, surge um ponto de luz, mas diferente dos outros, ele possuía uma calda, era um cometa.

Não sabia se o cansaço que proporcionara tal sinestesia, mas sabia que aquele foi um dos melhores momentos que vivera naquela cidade, era como se o próprio céu beijasse sua testa e mandasse boa sorte, mas o que mais a interessou naquele momento foi o cometa, corpos que estão sempre lá, mas

só são visíveis em momentos específicos. Quem sabe só os veremos uma vez na vida ou nem os veremos, ela pensava que os seus pecados eram como os cometas e, apesar de não levar nada daquele país, planejava deixar ali, todos os cometas que cometia.

Um brilho de lua

Chegara a menos de uma semana, estava só, sozinha e solitariamente em um pequeno apartamento perto do curso em que estava matriculada. Estava matriculada, mas não ia, não encontraria inspiração nenhuma ali, gostava de ir a uma biblioteca ali perto e de visitar brechós à procura de revistas em quadrinhos empoeiradas. Havia apenas uma amiga na cidade, mas não conseguia vê-la direito, por que o trabalho dela era extremamente corrido.

Apesar de se sentir mais confortável, Serena não apresentava muitas inspirações do que escrever, não tinha em quem se basear, não sabia por onde começar, ela sempre pensava que se todas as obras fracassaram, por que a dela seria diferente? A sociedade já não aceita as escolhas de seu coração, já não aceita ver mulheres exercendo cargos mais altos ou igualitários se comparados aos homens, mesmo que o movimento feminista tivesse se fortalecido um pouco, ele deveria ser trabalhado e estudado desde a infância, deveria existir alguém para as meninas se inspirarem, porque ela não teve essa fonte quando criança.

Todos os dias ela desistia cada vez mais do seu sonho, a depressão, a pressão, apenas a abalavam, até que um dia, quando estava voltando da biblioteca, viu um grupo de crianças brincando de super-heróis e presenciou o seguinte diálogo:

— Eu sou o Superman!- Bradou o menino mais alto.

— Eu sou o Batman! - Bradou o menino mais baixo.

— E eu sou a Mulher-Maravilha!- Bradou a única menina.

— Eu sou superforte e solto raios laser!

— E eu...não sei o que ela faz direito, pode trocar comigo, a Mulher-Maravilha é muito inútil.

— Tá bom, você fica com o Superman e eu com o poderoso Aquaman!

Aquele momento foi decisivo, Serena percebeu que iria criar a história e iria fazer com que as mulheres fossem mais valorizadas na mídia americana, europeia, africana, mas principalmente na japonesa. Nesse mesmo dia, Serena chega em seu pequeno apartamento e começa a chorar.

Seu apartamento era pequeno, o quarto era a sua sala, uma pequena varanda em que ela cultivava algumas flores, os únicos cômodos separados eram o banheiro e a cozinha, mesmo assim, ela decidiu convidar a amiga para jantar no dia seguinte. Ao amanhecer, Serena decidiu ir às compras, o pouco que os seus pais podiam ajudar, era apenas para aluguel e comida, ela não iria a um restaurante, mas faria um jantar delicioso para a amiga.

Caminhando até o mercado, ela notou algumas pessoas em trajes exuberantes, que ela já havia visto antes, mas não se lembrava onde. Virando a esquina, ela percebeu que na frente do mercado estava acontecendo uma convenção de animes, e as pessoas exuberantes estavam indo para lá, Serena olhava com admiração aos chamados “cosplays”, homens e mulheres felizes, sem se importarem com o que a sociedade pensa deles, pulando e brincando, interpretando os seus personagens, mas ela sabia que nem todos estavam sendo verdadeiros, alguns participavam daquelas festas apenas para se sentirem incluídos, mas sabiam que não existia nenhum personagem que representava seu verdadeiro eu. Ela fez as suas compras e retornou ao apartamento.

Serena amava séries e animações de sua terra natal, a sua favorita se chamava HunterXHunter, porém a obra nunca saiu do início, o autor perdeu a inspiração e não tinha ninguém para motivá-lo. Por isso ela decidiu fazer o jantar, ela tinha medo de que isso acontecesse, então pediria para a amiga

ajudá-la a nunca perder a motivação e a fé.

A noite escurece o céu, a campainha toca e quem chega é sua amiga Dariane Chiba, uma grande astrônoma, que conseguiu subir na carreira com muita luta e dedicação, porém, acabara de perder uma promoção, porque denunciou um superior que a assediou. Serena sabia disso, um dos motivos de tê-la convidado era esse, ela queria consolar a amiga e abraçá-la, mas, assim que Dariane chegou, seu coração começou a acelerar e seu cérebro parecia que ia explodir, então elas começaram a conversar:

— Darin, chegou na hora.

— É, eu nunca me atrasaria, sua comida é uma das melhores!

As duas estavam agitadas, o coração de Serena estava a ponto de sair pela boca, e Dariane estava muito preocupada em perder o emprego. Porém, quanto mais elas conversavam, mais se acalmavam, elas encontravam um conforto na voz uma da outra, uma paz em conjunto. Dariane percebeu que Serena ainda parecia meio angustiada, ter visto aquela cena na rua, realmente a deixou abalada e pensativa, naquele momento, ela se lembrou de algo.

— Hoje é dia de perigeu, a Lua está mais próxima da Terra, no terraço do seu prédio podemos ver ela bem de perto, o que acha de irmos ver?

— É uma ótima ideia!

As duas foram e subiram até o terraço. Quando chegaram lá, a lua estava grandiosa, com o seu brilho branco, enorme e deslumbrante, ela parecia um planeta inteiro, com crateras e deformidades que pareciam ter sido talhadas por Deus, aquela visão era especial, Serena viu um único ponto iluminando toda a escuridão ao redor, com uma tremenda força cintilante, seus olhos brilhavam como a luz da lua, o seu coração se acendeu como fogo, ela se sentia tão inspirada perante a tamanha grandiosidade, não havia mais angústias ao seu redor, o seu coração se acalmou por completo, até que

ela olhou para a Dariane, que resplendia com seus longos cabelos cacheados, a sua pele escura se destacava com a luz do luar, os seus olhos castanhos brilhavam mais do que a própria lua, o coração de Serena voltou a bater mais rápido e mais forte do que nunca, então Dariane começou a falar, e sua voz soava macia e bela, num tom angelical e que confortava ainda mais Serena.

— Aquela estrela no canto direito, na verdade é um planeta, é Marte, a estrela no canto inferior é Vênus, aquela é a constelação de Órion, aquela é a constelação de Andrômeda. Sempre que eu tenho um problema, eu olho para a lua, essa visão me acalma, traz paz e me inspira a lutar todos os dias. Ninguém vai passar por cima de mim, eu vou alcançar os meus sonhos!

Serena escutava com admiração, percebeu que são esses sentimentos que ela quer transmitir em suas histórias, ela encontrou a sua primeira grande inspiração. Após Dariane partir, ela olhou para lua e começou a escrever.

### O nome dos céus

Serena descobriu por onde começar a sua pesquisa, na astronomia, ela decidiu visitar a biblioteca, pois lá conseguiria informações que não encontraria na internet. Ela pesquisou diversos fenômenos e diferentes fases da lua, no que ela interferia na vida das pessoas, a sua pesquisa também chegou aos planetas, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno, ela ficou com dó de Plutão, por isso decidiu incluí-lo em sua pesquisa.

Ideias surgiam em sua mente, mas ela não sabia como reproduzir e colocá-las no papel, além disso, tinha algumas dúvidas sobre como poderia fazer a história, como poderia ser um sucesso, do que os jovens gostariam de ver. Enquanto ela pensava e lia, um homem misterioso se aproximou dela, ele era alto, barbudo e sério, até que ele disse, com uma voz estrondosa e grave:

— Você gosta mesmo de astronomia! - Serena se assusta e com medo diz:

— É bem interessante, mas estou lendo para fazer uma pesquisa.

— Que pitoresco, eu também gosto de astronomia, mas prefiro os contos dos deuses em que seus nomes foram inspirados.

— Desculpe-me perguntar, mas quem é o senhor? Apareceu tão de repente, não confio muito ainda em você.

— Perdão, meu nome é Cassius Bortolletto, sou um historiador, meu trabalho é focado em mitologia greco-romana, porém, também trabalho com a japonesa e a brasileira.

— Prazer em conhecê-lo, sou Serena Usagi.

— Serena, como a deusa grega Selene, a deusa da lua, é um belo nome, sua mãe por acaso se inspirou nela para esse nome?

— Mais ou menos, na verdade ela se inspirou no Conto da Princesa Kaguya, porque sempre foi a história favorita dela, a minha também, entretanto, ela achava Kaguya um nome muito forte e que não combinava muito comigo, por isso decidi colocar uma “variante” que é Serena.

Os dois caíram na gargalhada, uma nova amizade parecia estar se afluando naquele momento.

— O Conto da Princesa Kaguya é o meu mito japonês favorito, já contei ele algumas vezes para a minha filha.

— A minha mãe amava me contar, o conto de uma criança que nasceu de um broto de bambu e foi acolhida por um casal humilde, ela era um milagre enviado pela lua, porém, o patriarca da família entendia errado a mensagem e acreditava que a lua a havia mandado para, obrigatoriamente, ser uma princesa, ela tinha que seguir as regras de uma dama e se transformar em uma coisa totalmente adequada para a época, mas que ela odiava, ela tinha que pintar o rosto de branco, arrancar as sobrancelhas, pintar os dentes de preto, não podia sorrir e nem demonstrar sentimentos, nas próprias palavras

dela “e então, essa princesa não é humana”, são sentimentos bem fortes que me atingem.

— É realmente uma história bem triste. O final, eu acho uma ótima reflexão.

— Também acho, já que depois de tanto sofrimento, e até abusos sofridos, ela implorou para a lua levá-la de volta ao lar, todavia, nos dias que antecederam seu retorno, ela encontrou o seu caminho para a felicidade, mesmo assim teve que retornar para a sua antiga terra, e os seres da lua a envolveram em um véu para ela se esquecer dos dias ruins e bons que tivera na Terra. Essa história mexe muito comigo, por isso que eu estou nessa biblioteca, o mundo mudou bastante desde aquela época, porém, ainda vemos mulheres sendo subestimadas ou consideradas inferiores pelos homens, sendo abusadas e, muitas vezes, perdendo o seu brilho.

— Eu entendo perfeitamente, minha filha estava brincando esses dias com os amigos, estavam sendo super-heróis, e ela decidiu ser o Superman, porque queria se igualar à força dos seus amigos.

— O meu objetivo é criar uma história em que todas as mulheres, principalmente crianças, possam se inspirar, não só elas, uma história em que qualquer tipo de pessoa seja representada nela!

— Eu te desejo sorte, minha jovem. Espero que consiga alcançar esse sonho tão lindo!

Cassius estava pronto para ir embora, só que Serena ainda estava intrigada com algo que ele havia falado antes e que poderia ajudar muito ela.

— Espere um pouco, você disse que os nomes dos planetas foram baseados nos mitos greco-romanos, poderia me explicar um pouco?

— Claro! a parte planetária de nosso sistema solar teve seus nomes inspirados em deuses greco-romanos, Mercúrio ou Hermes, era o mensageiro mais

veloz do Olimpo e o planeta que completa a volta no Sol mais rápido; Vênus ou Afrodite, os antigos astrônomos se encantavam com o brilho do planeta no céu noturno, por isso o nome da deusa do amor e da beleza; Marte, a cor vermelha marcante fez com que o batizasse com o nome do deus da guerra, além disso, os egípcios o chamavam de O Vermelho, e na Ásia era Estrela de Fogo; Júpiter ou Zeus, o principal deus e o maior planeta do sistema solar. No oriente, seu nome era Estrela de Madeira; Saturno ou Cronos, é o deus da agricultura, era um dos titãs e pai de Júpiter, Saturno nomeia o planeta no que pode ter sido uma representação de pai e filho pela mitologia romana; Urano ou Caelus, é uma homenagem ao deus grego do céu; Netuno ou Poseidon, por causa de sua cor azul, foi batizado em homenagem ao deus dos mares; Por fim, Plutão ou Hades, homenagem ao deus dos mortos e governante do submundo, foi rebaixado para um planeta-anão.

— Caramba, os planetas se estendem a muito mais do que esferas gigantes no espaço, eu poderia fazer uma história de heróis com tantas informações assim!

— Com certeza, as crianças de hoje em dia gostam de conflitos e lutas, espero ter te inspirado a criar algo muito divertido e legal!

— Você com certeza me ajudou muito Cassius, muito obrigada!

Serena tinha tudo em sua cabeça, graças às inspirações de sua vida, ela sabia como criar a história que tanto queria, com personagens com roupas que dão para se fantasiar, um grupo de heroínas baseado nos céus e com poderes de seus deuses, sendo a principal heroína e a líder do grupo, um avatar da lua, que puniria os malfeitores em nome da lua!

Serena começou a escrever seu Conto da lua, passou dias, semanas e meses, mas conseguiu a história que tanto queria. Juntou em sua casa suas maiores inspirações para lhes contar a história, Dariane, Cassius e a filha dele, seriam as primeiras pessoas a ouvirem a história por completo, porque eles não apenas a inspiraram, eles a ajudaram e a auxiliaram em sua pesquisa,

então ela contou, com todo o seu amor, ela foi falando e com uma voz suave terminou. Dariane levanta e diz!

— Isso é uma das melhores coisas que eu já ouvi!

— Estamos honrados de sermos as primeiras pessoas!

Esse era apenas o início da realização do maior sonho de Serena.

### A lua de sangue

Ao pesquisar sobre a astronomia grega, ela realmente ficou interessada naquele povo, o berço da democracia e da filosofia, em seus estudos lendo um livro sobre os conflitos na região do mediterrâneo, ela leu uma frase que resumia o comportamento dos homens para ela, “Veni, vidi, vici”, foi a frase supostamente proferida por Júlio César ao descrever uma de suas vitórias 47 anos antes de Cristo. Mesmo na era contemporânea, mais de 2000 anos depois, para ela, esse era o modo de vida dos homens, iam à caça, caça das mulheres, de dinheiro, de poder. Mas ela não precisou sair da Grécia para encontrar algo que a agradara muito, “Lisístrata, a greve do sexo”, de Aristófanes, a peça narrava um grupo de mulheres simplesmente acabando com a guerra do Peloponeso, como? Se abstendo de relações sexuais com seus maridos soldados, era a obra que lera mais antiga que tratava de empoderamento feminino, mesmo que fosse um ‘poder sexual’ imaginar homens, 411 anos a.C, vestidos de mulheres (mulheres não podiam atuar) performando uma peça em que homens são feitos de idiotas, isso a deixava risonha, talvez as presas poderiam pisar nos caçadores.

Já com sua obra em mãos, já a tinha enviado para todas as editoras de que tomou notícia, exceto por uma, já tinha recebido respostas negativa de todas, mas algumas, mais educadas do que outras, chegavam a citar a “!possível falta do interesse público” os seus olhos reviravam quase involuntariamente toda vez que lia isso, como se seus olhos se arrependessem de tê-lo feito. Mas ela achou na internet um anúncio de uma nova editora, pensou que poderia

ser o destino lhe salvando, ficou curiosa quando soube que só avaliavam as obras se fossem entregues pessoalmente, mas lá estava ela na frente do prédio do endereço citado. Era o prédio mais imponente que já tinha visto, todas as suas faces cobertas por vidro com um tipo de fundo azul índigo, que a fez parar de se questionar por que o horário para entregar os materiais para a editora era próximo do anoitecer, depois do término do horário de expediente dos trabalhadores comuns. Do lado esquerdo do prédio, havia uma praça com um playground incrível para as crianças, havia muitas, todas sorridentes brincando enquanto seus pais se sentavam em confortáveis bancos. Do lado direito se via uma construção que ainda estava em fase inicial, então era basicamente um buraco no chão cercado de barras de ferro, sacos de cimento e várias máquinas de várias toneladas.

Entrou no prédio e se deparou com duas pessoas sentadas com pastas nas mãos, olhando para trás do balcão no final do saguão, havia uma secretária, que lhe deu boa tarde e um sorriso longo e plástico que chegava a ser tenebroso. O saguão era gigante com várias fileiras de cadeiras, monitores pregados no teto, naquele momento desligados, e vários outros balcões que estavam desocupados, ela pensou que estava no lugar errado até que a secretária findou seu sorriso para confirmar se ela estava com interesse em publicar uma obra e disse a ela para se sentar e esperar. Ela se sentou, lugares vazios para se sentar não faltavam, só naquele momento ela teve tempo para reparar que acima dos balcões, no final do saguão, havia uma logo e ao seu lado estava escrito “Enry’s Contabilidade”. Seu momento de dúvida foi interrompido pelo som característico de um dos elevadores se abrindo. Do elevador sai somente um ser vivo para fazer companhia aos outros 4 naquele espaço enorme. Era um homem com traje executivo, de estatura ligeiramente baixa para um homem de 30 anos, usava óculos redondos de armação grossa e preta que destoava um pouco do ar de pessoa importante dele.

Ele deu um sorriso neutro e desejou boa tarde a todos enquanto encarava os autores, no homem alto de características bárbaras seus olhos se desviaram no instante em que a luz refletida chegara em seu globo ocular e aquela imagem foi processada em seu cérebro, desviou seus olhos para uma senhora

com grandes olheiras que não ajudavam seu semblante de que já vivera meia dúzia de décadas, o homem desviou os olhos rapidamente, sem mexer a cabeça, para a Serena, onde depositou sua visão por alguns segundos até que andou até a secretária e de costas para os autores falou algo em seu ouvido, os 3 quase pararam de respirar para tentar captar os sons inaudíveis, mas antes de que se dessem conta, o homem entrara no elevador e subira, poderia ver no seu rosto que ele estava feliz. A secretária saiu de trás do balcão deixando a vista seu magérrimo corpo que andava como uma modelo com seu salto rosa até Serena, a secretária se aproximou, e no crachá, Serena só conseguiu ler Gladys, a secretária pediu para ela subir para o último andar, Serena se levantou e foi até o elevador, e enquanto a porta do elevador fechava, ela conseguiu ver os olhares de insatisfação dos outros autores e o terrível sorriso da secretária.

Quando o elevador se abriu no 22º andar do prédio havia um longo corredor, e no final, uma porta aberta onde o homem que vira no saguão se encontrava atrás da mesa acenando para que ela viesse, ela andou calmamente enquanto olhava para os lados vendo as portas, e pelas janelas, via o que pareciam ser escritórios, não havia ninguém neles e tanto as janelas quanto as portas estavam fechadas.

Passando pela porta, sua visão se abriu e se deparou com uma mesa retangular com 3 homens, no meio estava o homem que vira antes, à, sua esquerda um homem velho, pardo, careca, com barba falha e espaçada com um semblante pacífico, enquanto que do outro lado direito, havia outro homem, cabelo e pele brancas, óculos quadrados, nariz curvado, um sorriso curto tentava mascarar seu semblante cansado, os 3 homens estavam trajados finamente, o homem do lado esquerdo, com um terno rosê e gravata azul escuro, o homem do lado direito tinha um terno azul com uma gravata vermelha com listras diagonais brancas e o homem ao meio com um clássico terno preto.

O homem sentado no meio se levantou e estendeu sua mão enquanto dizia:

— Olá, eu sou o Enry.

A menina se desconcertou com a apresentação minimalista e demorou um tempo um pouco maior do que o usual para cumprimentar o homem e se apresentar como Serena Usagi. O homem se identificou como diretor e dono da empresa e apresentou os homens ao seu lado como seus conselheiros.

Ele pediu que ela se sentasse, contasse um pouco de sua vida e da obra que desejava ser publicada. Ela estava confusa e, antes de falar qualquer outra coisa, perguntou, num tom um pouco mais áspero do que ela queria, se aquilo era mesmo uma editora.

Enry riu e disse que era uma grande empresa de contabilidade que herdou de seu pai, mas ele sempre quis abrir uma editora e se desculpou por reutilizar seu escritório para administrar a editora, contudo, assegurou que estava sério em levar seu projeto para frente.

Ela ficou envergonhada, mas disse, tentando manter a compostura, que se ele estava sendo sincero, estava tudo bem. Ela contou como saiu do Japão, como se sentia lá, como seu sonho era escrever aquela história, como se sentiu melhor, porém solitária quando chegou nos Estados Unidos, o que a inspirou na sua história e depois descreveu a história enquanto entregava a pasta que a continha. Enquanto ela falava, Enry várias vezes abria a boca de admiração por ela. Ele abriu a pasta e leu alguns trechos que ela narrou, maravilhado, ele falou que era exatamente aquilo que ele estava procurando. Ele disse que até o nome era perfeito “O conto da lua”, ele se virou para a direita e pediu para o homem fazer um contrato de 10.000 cópias com uma margem de 30% para a autora.

Ela ficou tão assustada quanto o homem, que depois que voltou para sua face neutra, se curvou e se retirou da sala. Enquanto o homem fazia o contrato, Enry recolhia os dados dela, eram muitos dados e alguns estranhamente pessoais, mas ela estava tão extasiada que nem percebeu. O homem voltou com o contrato, mas, nem lendo ela podia acreditar naquilo. Ela leu tudo, um pouco mais rápido do que o costume, só que ela tinha certeza de que não tinha nenhuma armadilha naquele papel.

Saiu do prédio e, ainda eufórica, ela foi se sentar em um dos bancos do parque, agora vazio, para se acalmar, dois minutos depois, a velhinha que estava no saguão, sai pela porta, que estava na visão dela, com um semblante tão raivoso que ela nem pensava ser possível para alguém daquela idade, ela reparou também que a velhinha ainda mantinha sua pasta em mãos, mas ela genuinamente não se importava com isso. Cinco minutos após a saída da velhinha, sai pela porta o homem bárbaro com as veias da testa e do braço saltando e ele praticamente bufava enquanto segurava sua pasta, ela só torceu para que seu publicador e editor ainda estivessem vivos.

Ela foi para casa e dormiu, e nos três dias seguintes, ela não recebeu nenhuma notícia, nem ligação e nem saiu de casa, amargurada. Na manhã do outro dia, acordou com frio, muito frio, frio como se todas as estrelas e corpos não existissem no universo e ela estivesse sozinha vagando pela penumbra de um gélido e mórbido espaço, tentou abrir os olhos, mas não conseguia, estava entrando em desespero quando conseguiu abrir os olhos e literalmente pulou na cama, colocou a mão na testa e estava suada e quente como a tampa de uma panela de pressão.

Ela colocou um belo casaco preto por cima da blusinha estampada com várias imagens de ursinhos que usava como pijama, e trocou o shortinho ciano que usava para dormir por uma meia-calça preta, agora pronta, ela saiu para comprar medicamentos. Na sua febril ida à farmácia, estava andando lentamente e olhando para baixo, quando olhou para o lado viu algo tão inacreditável que sua febre passou na hora, era um exemplar da sua história, a capa era linda, um céu tão lindo quanto o que viu na sua última noite no Japão. Entrou correndo na loja e disse imponentemente ao vendedor:

— Eu quero um exemplar de “O conto da lua”.

O homem exclamou impaciente:

— Mais uma, sinto muito, mas esgotou ontem no lançamento, então sua filha vai ter que esperar. E nem adianta trazer ela para chorar e espernear aqui que

não vai mudar nada.

Ela ficou chocada, extremamente feliz pelo aparente sucesso da sua história, mas triste já que precisava de uma cópia nas suas mãos naquele momento. Ela pediu para levar o da vitrine, mas o homem não queria, dizia que a capa era linda e por si só atraía clientes. Ela disse que era a autora daquele livro, mas o homem só riu, ela apresentou seu documento e ele foi na estante e confirmou que o nome era igual, ainda incrédulo, ele abriu na última página do livro onde normalmente fica a foto e biografia do autor, mas naquele livro estava só o texto. Então, ele decidiu que se ela fosse a autora saberia tudo que estava ali, e fez várias perguntas às quais ela respondeu corretamente e imediatamente. Ele deu o livro para ela.

Ainda na rua, ela parou para admirar o livro, era lindo, mas sua análise foi interrompida por uma ligação, era um número desconhecido, ela atendeu impacientemente, queria voltar a ler aquela obra-prima, ela só fez silêncio e a pessoa do outro lado se identificou como Enry.

Quando ouviu a voz dele, ela ficou estática e depois ficou 5 minutos esbravejando sua raiva por ele não ter falado nada com ela e nem enviado uma cópia da edição pronta. Ele se desculpou num tom descontraído, e disse que era inexperiente como chefe de editora e que ela tinha que ir para o seu escritório naquela noite para assinar um contrato de 500.000 cópias com os mesmos 30%.

Quando ele citou a porcentagem, ela se lembrou que nem conferiu o saldo de sua conta no banco, mas deixou o pensamento de lado e perguntou o porquê que ela não poderia ir assinar aquele contrato naquele momento, ele disse que ela já sabia que ele comandava uma grande empresa e que tinha reuniões durante toda a tarde, ela concordou num tom inseguro e se despediu, após a despedida dele, ela desligou.

Após terminar de ler o livro, ela foi para o banco, onde confirmou o depósito do dinheiro do 1º contrato que simplesmente oprimia a quantia que seus pais

lhe enviavam mensalmente.

Quando saiu do banco, já estava anoitecendo, então ela foi direto para o prédio de Enry. Ela entrou no saguão que estava vazio, senão pela presença da mesma secretária com seu sorriso assustador. Ele está te esperando em seu escritório, disse a secretária. Serena se dirigiu calada para o elevador e foi para o 22º andar.

Ela passou pelo mesmo corredor vazio que, de alguma forma, estava mais sombrio ainda, a porta estava aberta do mesmo jeito, mas quando entrou no escritório, Enry estava sozinho sentado em sua cadeira de costas para ela. Na mesa estava apenas um papel e uma caneta. As costas da cadeira eram grandes e, graças à estatura consideravelmente baixa dele, só era possível ver que ele estava sentado na cadeira porque a sua mão esquerda estava à mostra no apoio da cadeira, ela ficou confusa e deu um tímido boa noite, sem resposta, após alguns segundos de um desconfortável silêncio, a cadeira se vira. Enry estava com o rosto mais sóbrio que ela já viu, pleno como uma modelagem 3D de um rosto humano, mas seu semblante não ia de acordo com a arma na sua mão direita que apontava diretamente para Serena.

Apartir desse momento, ela viu tudo em câmera lenta. Sua primeira reação foi ficar estática, incrédula, parecia que todas as células do seu corpo negavam o que estava na sua frente. Sua segunda reação foi breve e instintiva, ela levantou as mãos como nos filmes e animações que já vira. A terceira reação, a primeira lógica, foi se virar para trás em direção à porta. Ela virou somente para ver a porta a poucos centímetros de se fechar, ela viu a porta fechar lentamente, ouviu o clique da tranca da porta e aquilo pareceu destravar algo na mente dela, ela voltou para a realidade e correu para a janela do lado da porta. Bateu com os punhos fechados e gritou, o mais alto que já gritara em toda a sua vida. O que ela viu foram as costas de dois homens de terno, um careca e um de cabelo branco, esse último com uma maleta preta nas mãos. Ela gritou e bateu, tentou quebrar a janela, sem sucesso, tudo que ela fez foi ver os homens entrarem no elevador e se virarem para ela. Os homens pretendiam sair do prédio, pedido do próprio chefe, mas aquela visão os

perseguiria até o dia de suas mortes, a visão deles era de uma mulher em prantos na janela até que a porta do elevador começou a se fechar, mas não em tempo de tampar a visão dele de um homem com uma arma na mão puxando os cabelos longos e negros de uma menina com a outra mão.

Ele a puxou pelo cabelo para longe da janela e a jogou no chão, depois ficou entre ela e a janela, o tempo todo com a arma apontada para ela. Ele disse ainda, com o semblante sóbrio, para ela se acalmar, ela tentou se levantar, mas quando iniciava seu movimento, ele atirou no carpete a poucos centímetros dela, a arma era de verdade e o seu zumbido tilintou nos ouvidos dela, ela se deitou novamente, estática, como se aquele tiro a tivesse atingido e matado por dentro.

— Tudo o que quero é que você assine este papel. Ele disse calmamente enquanto andava para trás.

— Vou deixar você ir embora depois.

Ele destrancou a porta calmamente e ela levantou, agora tremendo em choque.

— Calma, tudo vai ficar bem, é só você assinar.

Ele disse pacientemente como uma mãe consolando um filho que caiu e ralou o joelho. Ela não conseguia pensar, foi o único momento da vida dela em que ela perdeu a sua mente, ela só via aquela mesa, ele, a arma na mão dele e a voz dele parecia estar dentro da cabeça dela, como se a voz dele substituísse a mente dela. Ela se apoiou na mesa em um movimento súbito, Enry não mexeu um músculo, tudo estava no controle dele.

Ela pegou a caneta e assinou na linha abaixo do texto, nem conseguia diferenciar as palavras naquele papel, eram só borrões, mas a sua assinatura estava perfeita, ela certamente nasceu para ser escritora.

Naquele momento, Enry abaixou lentamente a arma, pousando-a calmamente

no chão, como se a estivesse colocando para dormir, ela tinha esperanças de sair dali, tinha esperança de que o Enry só quisesse o dinheiro ou os direitos da história dela e, naquele ponto, ela não dava a mínima. O seu pensamento foi massacrado quando Enry começou a correr e pulou para cima dela.

Ele a derruba e morde seu pequeno pescoço, enquanto rasga o casaco dela, ela se debatia em vão com os joelhos dele em cima das pernas dela, quando ele terminou de rasgar o casaco e viu aquela blusa, que nem cobria o umbigo repleta de ursinhos, foi a primeira vez que ele abandonou seu semblante calmo para dar uma risada, quando fez isso, ele levantou a cabeça e por um tempo efêmero tirou os olhos dela, ela pegou a caneta que deixara cair ao seu lado e com toda a sua força enfiou na perna dele, ele gemeu de dor e quando virou seu olhos para ela, ela o socou no rosto, ele saiu de cima dela e ela começou a correr desajeitada por sua vida.

Ela mancou até o elevador no final do corredor, e apertou o botão diversas vezes, mas o elevador estava desligado, naquele momento, ela olhou para cima e viu uma redonda e delicada câmera que certamente observava o que estava acontecendo ali, ela olhou para o lado e viu uma porta e, ao abri-la, viu um lance de escadas e começou a descer, nesse momento, Enry já havia se recuperado, estava em pé, tirou a caneta da perna e começou a mancar atrás dela.

Ela descia desesperadamente, quase pulando os degraus, em algum dos andares, ela caiu e conseguiu ouvir, ao longe, o som de Enry descendo as escadas enquanto gargalhava, ela se levantou e continuou descendo até chegar à porta para o saguão, ela abriu a porta rapidamente, e correu sem olhar para trás, em direção à última porta que a separava da rua.

Quando estava a poucos metros da porta de vidro que a tiraria daquele maldito prédio, ela ouve um estalo, ela ficou estática e depois olhou para baixo, na sua barriga agora jorrava sangue, era uma sensação quente, ela nem percebeu que caiu no chão, ela virou o rosto para trás e viu a secretária sorrindo com uma arma na mão, e da mesma porta que Serena saiu, saiu Enry

todo atrapalhado e ainda mancando. Obrigado Gladys, ele disse mancando na direção de Serena.

Serena virou seu rosto na direção da porta de vidro e viu a lua, a poderosa lua cheia, sua visão começou a se turvar até que tudo ficou escuro. “No final, talvez sejamos só presas”, esse foi o último pensamento que se passou na mente confusa de Serena.

Seu corpo foi abusado, somente na presença de Gladys e da lua, logo após, Enry pediu a ajuda de Gladys para levar o corpo de Serena até o canteiro da construção do lado do seu prédio, e quando amanheceu, o corpo de Serena já estava concretado no que seria a base de um prédio, ninguém nunca veria seu corpo novamente.

Se as pessoas soubessem o que aconteceu naquela noite, certamente requisitariam que a poderosa balança da justiça pesasse para o lado de Enry e que o levasse para a execução ou confinamento perpétuo. Mas um mês depois, tudo que se teve notícia foi um delegado, com as mãos molhadas, anunciando que a jovem autora de um dos mais novos sucessos da década estava desaparecida e que o inquérito contra a editora, que agora possuía 100% dos direitos da obra devido à assinatura de um documento, não será instaurado por falta de prova.

A editora alegou em nota que a menina propôs a assinatura do documento porque não aguentaria a pressão e só queria dinheiro para “sumir no mundo”. Ninguém questionou a história, ainda bem que ela escreveu isso antes de desaparecer, era o que a maioria pensava.

Ela nunca saberia, mas seu livro cumpriu seu propósito, a próxima geração seria diferente da podridão da sua. O pensamento irônico de que isso só aconteceu por causa do desejo sexual de um maníaco, também não iria passar por sua mente.

Naquele país, só três pessoas choraram seu desaparecimento e, no outro lado

do mundo, sua mãe encarava o céu noturno, durante um apagão nunca visto naquela região, ela via o céu estrelado, a lua cheia, queria que a filha estivesse ali para ver com ela, olhando fixamente para o céu, a mãe vê um ponto de luz com uma calda na cor rosa, aquele corpo celeste assina o céu na forma de um sorriso e a mãe sussurra esperançosa, talvez aquele seja o cometa Serena.

\*\*\*



## Um mundo sem Mária Telkes

**M**ária Telkes foi uma cientista e inventora húngaro-americana, com contribuição fundamental na evolução da produção e armazenamento de energia solar, o que lhe concedeu a alcunha de rainha do sol. Ela nasceu em 1900 em Budapeste, Hungria, e faleceu em 02 de dezembro de 1995 na mesma cidade. Ela se apaixonou desde cedo pela energia solar e suas aplicações. Mais tarde se mudou para os Estados Unidos e conseguiu, em 1937, cidadania americana. Mária Telkes foi uma personagem marcante, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, quando desenvolveu um kit portátil de dessalinização de água. O impacto das suas invenções e de seu trabalho auxiliaram na construção do saber em diversas áreas, como física, química e biologia, contribuindo com o progresso da ciência e tecnologia, moldando, dessa forma, o desenrolar da história. Ela foi uma pessoa apenas, em um mar de milhões, bilhões, mas, que falta ela faria ao mundo, à história, à nossa história atual, caso não tivesse existido. Quão diferente seria o mundo hoje caso Telkes nunca tivesse existido? Os autores do próximo conto nos convidam a embarcar nessa jornada de reflexão, partindo do ponto de vista de uma família simples, que bem poderia ser a minha, a sua ou de alguém conhecido. Uma família talvez não muito distante de nós, porém, em um universo completamente modificado devido à simples ausência de uma única mulher.



## Chamas da esperança: Um mundo sem Mária Telkes

*Ellen Silva*  
*Wanessa Dias*

Em um entardecer, que tinha tudo para ser maravilhoso se estivéssemos no topo de um apartamento luxuoso em uma zona nobre, mas a realidade não poderia ser mais distante disso, na verdade, estamos em um bairro miserável de todos outros lugares, bairro onde sonhos e esperanças foram jogados ao vento, no qual existe apenas a crua realidade de uma vida carente de um milagre. Neste lugar, uma garotinha de aparência frágil desce rua abaixo mais uma vez, como em um relógio marcando na hora exata, vai em direção à sua casa, uma estrutura tão simplória que muitos não chamariam assim.

Ao entrar, a garota observa seus irmãos mais novos prostrados sobre um tecido maltrapilho no canto da sala. Os furos na parede impossibilitavam até mesmo que a lareira improvisada que seu pai fizera resistisse ao sopro gelado do inverno que se aproximava. Aparentemente atordoada, a pequena garota de bochechas rubras se juntou a eles, exausta após diversas tentativas falhas de revender velas aromáticas.

Ao ouvir o ranger da madeira envelhecida da porta, a jovem menina se apressa com os seus irmãos em direção ao som, na esperança ínfima de que seu pai tenha trazido consigo algum agrado, mas, ao observá-lo de mãos vazias, ela não se sente magoada, a constatação de que, mesmo cansado, ele ainda sorria para eles, já tornava a sua presença autossuficiente. Eles não tinham muitas opções para se alimentar, tampouco para se aquecer, entretanto, a presença um dos outros tornava possível a esperança de dias melhores.

No fim daquele dia, após jantarem e se aprontarem para uma noite de descanso, a menina se permitiu sonhar uma vida diferente. Uma casa grande com uma lareira que realmente aquecesse os cômodos da casa, que não estaria repleta de furos, com uma mesa farta, com tudo o que eles pudessem comer e com o doce sorriso da mãe que não chegou a conhecer.

Mesmo que ela amasse muito seus irmãos e seu pai, ela ainda sentia vontade de ter uma família grande; sua mãe não resistiu ao parto de seu irmão mais novo e deixou esse mundo enquanto a frágil garota ainda era um bebê. Os pais de sua mãe nunca foram um tópico muito comentado, ao que se sabe, em uma noite de inverno intenso, abandonaram a pobre criança na porta de um orfanato.

O pai de seu pai morreu na guerra, uma luta de pequenos para satisfazer a arrogância dos grandes. Ao que seu pai contou, ele já tinha uma família quando foi convocado à guerra, e com uma pequena bolsa de itens essenciais e uma promessa de um retorno vindouro, ele deixou seu lar, seu país, seu conforto e tudo o que mais o importava. Ao que se sabe, ele morreu de desidratação enquanto atravessava o oceano para retornar ao seu lar, devido a um erro de cálculo, o que fez com que toda água potável acabasse antes mesmo de terem a oportunidade de pisar em terra firme.

O pai da garotinha se questionava o quão agonizante e desesperador deveria ter sido. Se ao menos tivesse algo, algum dispositivo que pudesse tornar possível ingerir a água do mar, poderia ter sido diferente? Seu pai ainda estaria vivo? Quando criança, sempre que se lembrava desse fato, era como se o sol tivesse se escondido por de trás das nuvens e ficasse apenas a melancolia de um dia nublado.

Os dias seguintes se passaram tão confusos que ela não sabia ao certo como descrevê-los. De certo foram tão vagarosos quanto as gotículas de água que caíam do seu telhado toda vez que a neblina da noite os assolava, porém ela tinha certeza de algo: o inverno definitivamente havia chegado.

Em uma manhã, ao acordar, notou que mesmo que ainda fosse muito cedo, seu pai já havia ido trabalhar. Sobre a mesa antiga estava os boletos a pagar, infinidades de contas que haviam sido adquiridas ao longo do tempo. Tudo estava muito caro, a ideia de viver já havia sido abandonada, o objetivo maior agora era a sobrevivência. “Os tempos são outros” é o que seu pai sempre dizia, nem ao menos o clima era o mesmo, os invernos eram muito frios, enquanto os verões eram muito quentes, a poluição tinha chegado a níveis extremos desregulando o planeta. Ela não ia à escola, nem os seus irmãos, a prioridade no momento era ter o que comer no dia seguinte e, por isso, ainda muito cedo, começou a ajudar da forma que desse nas contas de casa.

Durante os dias mais frios, era difícil conseguir se aquecer, o aquecedor elétrico estava fora de questão, não quando havia uma crise hídrica em decorrência da falta de chuva que há muito não dava sinal de graça. Os gastos estavam mais exorbitantes do que nunca e, quando se tratava do aquecimento, as hidrelétricas do país estavam funcionando no mínimo, por isso, o preço da conta de luz era inacessível para as camadas sociais mais necessitadas. Enquanto a madeira tinha que ser racionada, uma vez que os lenhadores, ao verem a grande demanda de lenha, entenderam a situação como uma oportunidade para lucrar. As coisas estavam caóticas, e o pensamento geral era se algum dia iria mudar, mas a maioria, sem esperança, dizia que não, que era daí para pior.

Naquele dia, a jovem menina saía à procura de encontrar interessados nas compras de suas velas e, portanto, lá estava ela no centro industrial da cidade em busca de prováveis clientes, talvez uma daquelas pessoas pomposas em seus carros, contando os segundos para que o sinal abrisse, estivessem interessados. À sua volta, as máquinas se locomoviam ruidosamente através das vielas próximas a um dos poucos casarões da cidade.

O sol despontava timidamente no céu naquela manhã e, apesar do frio intenso, a sensação de não ter mais o calor escaldante sobre a sua pele, de certo modo, era reconfortante. Em alguns momentos, ela se perguntava se as outras pessoas também estavam reparando nas mudanças constantes na

cidade, pouco a pouco tudo estava se tornando uma intensa variação de cinza cada vez pior. Mas os grupos de trabalhadores pareciam tão apressados para chegar ao trabalho e garantir mais um dia de sobrevivência, que nem ao menos pareciam reparar na presença um dos outros, quem dirá nas mudanças.

Ao fim do dia, a jovem retornou sorridente à sua casa, embora não tenha vendido tudo, ela ainda conseguiu, com muito esforço, vender uma boa parte. Cada centavo que ela conseguiu com as vendas dos últimos meses talvez fosse o suficiente para que uma parte da infinidade de contas na mesa fosse paga e, assim, quem sabe, o seu pai pudesse ficar um pouco menos sobrecarregado.

Ao entrar em casa, ela fez o mesmo que de costume, se juntou aos seus irmãos e aprontaram a casa, então aguardaram ansiosos pela chegada de seu pai, mas a lua já iluminava o céu há um bom tempo e o vento frio do inverno soprava cada vez mais veementemente através das frinchas. A situação por inteira a preocupava, o seu pai nunca se atrasava e, em uma tentativa ansiosa para que visse qualquer sinal dele, ela e seus irmãos espiavam pelas frestas da janela. Entretanto, o som do relógio indicava que o tempo de chegada havia passado, por isso, ela tomou uma decisão, ela seria corajosa, talvez recebesse uma bronca mais tarde, mas ela estava com medo do que aconteceria se o seu pai não retornasse.

Eles não tinham nada para se aquecer, além dos pequenos lençóis dispostos sobre o colchão, e o seu pai não os levou. A garotinha então colocou os seus irmãos para dormir e pegou uma das velas que não havia vendido naquele dia, a acendeu e foi no meio da neve em busca de ao menos conseguir avistá-lo.

Ela andou determinada através das veredas, porém, após um tempo, a vela já estava quase totalmente derretida. Com medo de se perder, e cansada demais para continuar o percurso, ela se sentou no canto de uma viela esperando que o seu pai a encontrasse na sua volta para casa. Mas ele não apareceu naquela noite fria de inverno e a pequena menina, por fim, fechou os seus olhos.

Ao raiar de um novo dia, as máquinas voltaram a trabalhar nas ruas do centro, os operários febrilmente repetiam o trajeto diário, mas, mais uma vez, nenhum deles olhou ao redor com real interesse. Não demorou muito para alguém reclamar da menina estirada sobre a calçada e atrapalhando a movimentação, logo chamaram as autoridades, a constatação era óbvia: a pequena menina já não possuía mais as bochechas rubras, tampouco, o olhar esperançoso que exibia todos os dias. Ao seu redor, as pessoas pouco se comoviam com a morte de alguém, tinha se tornado um hábito frequente e, em seus pensamentos se passava “não sendo eu, está ótimo”.

E, de novo, outro anoitecer se passa, mas dessa vez no horário marcado não era a garotinha que descia vagarosamente e sim um homem adulto gritando desesperado em pleno pulmões em busca de sua filha.

\*\*\*



## Um mundo sem Margaret Hamilton

**M**argaret Hamilton, nascida em Indiana, Estados Unidos, em 17 de agosto de 1936. É uma engenheira norte-americana que teve um papel fundamental no projeto Apollo da Nasa. Ela foi a responsável por desenvolver um programa de correção de rotas que possibilitou o sucesso da missão Apollo 11 em seu objetivo de pousar na Lua. O que seria do mundo sem Margaret Hamilton? Os EUA teriam chegado primeiro à Lua, ou a ausência de Hamilton teria atrasado o projeto Apollo norte-americano, dando chance aos soviéticos de triunfarem na corrida espacial? Numa época de intensa espionagem, um pequeno desvio do triunfo poderia abrir uma brecha irremediável, capaz de moldar os rumos do planeta nas décadas seguintes. E tudo isso poderia ser causado pela inexistência de uma única mulher. Uma única mulher que pode ter sido responsável pela história como a conhecemos. Essas perguntas são conjecturas sobre mundos alternativos, possíveis devido à simples ausência de Margaret Hamilton. Entre tantos possíveis desdobramentos, os autores do próximo conto utilizam uma narrativa distópica para apresentar, nas próximas páginas, um desfecho diferente do conflito geopolítico marcante da época. Esse pequeno conto, escrito seguindo um formato de romance policial, apresenta a jornada de uma funcionária norte-americana de alto escalão que lida com as dificuldades em garantir o sucesso das missões Apolo, ao passo que um esquema de traição e espionagem se desenrolam à sua volta. O sucesso norte-americano em pousar uma nave tripulada na Lua é colocado em xeque e o futuro como o conhecemos hoje poderá ser completamente modificado. O conto nos leva à reflexão sobre a importância de Hamilton e sobre como o mundo poderia ser diferente caso a mulher da missão Apollo, nunca tivesse existido...



## **A ascensão vermelha: Um mundo sem Margaret Hamilton**

*Amanda Silveira Barbosa  
Arthur Vinícius de Oliveira Carvalho*

### DESASTRE NO CÉU

20 horas e 30 minutos. Era esse horário que marcava no relógio de bolso de Joanna Galt — uma mulher com feições sérias, olhar profundo, afiado e sempre desconfiado, além de um corpo esguio e fios de cabelo mais negros do que carvão. Quem a olhasse na rua nem mesmo desconfiaria de sua tamanha importância para o Governo — enquanto ela dirigia desesperada em direção ao Departamento de Defesa Nacional dos Estados Unidos da América, ou melhor, da sua “Soberana Pátria”, como gostava de chamar. As mãos suavam contra o volante e os calcanhares batiam contra o tapete do chão do carro, simultaneamente os ouvidos voltavam sua atenção de forma involuntária para a única notícia que passava em todos os canais de rádio. “Hoje, no dia 20 de Julho de 1969, falhou a missão Apollo 11. A causa ainda não foi divulgada, mas o choque geral foi perceptível. Não sabemos como isso vai afetar a Guerra Fria, mas podemos dizer que os especialistas já estimam uma forte queda do S&P 500 e do índice Dow Jones.”, era o que ecoava pelo som abafado do automóvel e que passava rasgando por todo canal auditivo da mulher, que já tinha ouvido a mesma notícia por volta de dez vezes em vozes diferentes e em canais divergentes só naqueles poucos minutos em que ela estava dirigindo.

As ruas de Washington estavam vazias, o choque havia afetado até mesmo o trânsito, em que a maioria dos americanos ficaram em casa para acompanhar o final do percurso da aeronave via rádio, mas que, mesmo após verem o

fracasso ocorrer em rede nacional e internacional, não tiveram coragem de sair nas ruas. O desconhecido os havia consumido, fazendo com que eles ficassem sem reação e frenéticos para saber o que viria a seguir, que rumo tomaria e abalaria o mundo em que viviam. Apesar de preocupante, todo esse fato deixou o percurso de Joanna ainda mais fácil, levando em consideração que a mulher ultrapassou todos os limites de velocidade possíveis até finalmente chegar ao seu destino.

Em contrapartida à calma das vias da cidade, o Pentágono podia se definir como o próprio caos. Pessoas andando rápido de uma sala para outra, telefones que não paravam de tocar, e funcionários clamando pela atenção e tomada de decisão da Diretora-Geral de Defesa, o que não era muito diferente da própria mente da mulher, que precisou respirar fundo e contar até dez para que se acalmasse e ficasse minimamente pronta para conseguir responder qualquer pergunta e tomar as decisões cabíveis para sua posição.

Chegando na sua Diretoria, Galt encontrou seu Secretário e braço direito, Russell Scruton, um homem robusto, com 1,95 m de altura, olhos verdes brilhantes, uma feição séria e robótica, digna de um verdadeiro soldado, pele pálida e grossa – característica de alguém que já passou por todo tipo de treinamento em condições extremas – além de um milimétrico e brilhante cabelo loiro como um sol de primavera. Joanna não tardou em solicitar para que o homem a trouxesse todo o tipo de documento possível para auxiliá-la na tentativa de resolver a confusão que estava acontecendo no país, além do pedido para que Scruton começasse a tentativa de contato com a NASA, ou melhor, National Aeronautics and Space Administration (Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço). Russell, não tardando em acatar as ordens, prestou continência e começou o serviço.

De acordo com o exigido por sua chefe, o Secretário rapidamente abriu contato com a administração da NASA, porém, a comunicação com o diretor da instituição apenas gerou mais estresse para a ex-sargento, que tinha passado horas ao telefone, realizando todo o esforço que estava em suas mãos, naquele momento, para conseguir e obter mais informações para o Governo, mas

que não gerou os resultados necessários. Depois de diversas tentativas falhas dessa tarefa, Joanna não encontrou outra saída senão reportar a situação para seu diretor superior que, após uma reunião emergencial, decidiu que ela deveria ir à própria agência espacial para coletar as informações do caso.

Ela convocou Russell, que era seu agente de maior confiança e o investigador oficial do exército americano, Walter Tucker, para acompanhá-la na missão, entretanto, Walter teria de levar seu “aprendiz”, o jovem Jeffrey Block, filho de sua falecida ex-namorada, com ele. Assim formada a equipe, solicitaram um voo oficial para o Cabo Canaveral, que seria iniciado logo na manhã seguinte.

Ao passar de horas de discussões e muito trabalho, por volta das 2 horas da manhã, Joanna juntou suas coisas, entrou em seu Mustang GT 1965 e foi em direção a seu apartamento, a fim de descansar para o voo que ocorreria mais tarde.

## O CORVO DE ODIN

Russell Scruton desce do táxi no subúrbio, depois de 40 minutos de sua saída do Pentágono, na frente do prédio onde morava. Ele sobe as escadas, sempre com uma postura e um ritmo robótico e amedrontador, até chegar no 4º andar e entrar no seu apartamento, uma moradia extremamente organizada, limpa, metódica, silenciosa e minimalista, a não ser pelas enormes estantes lotadas de diversos livros sobre os mais variados assuntos. Ele era um leitor voraz com sede de conhecimento, quando não estava trabalhando ou fazendo alguma necessidade, passava horas a fio em sua poltrona, “devorando” dezenas de livros.

Scruton tirou o sobretudo bege que estava sobre seus largos ombros e o apoiou no suporte para casacos que se localizava ao lado da porta. Com o maxilar travado e o andar pesado, o homem passou rápido pela sua cozinha

e apanhou uma maçã antes de seguir para a estante de livros localizada no final da sala. Russell passou o indicador por cada obra até parar sobre uma que tinha “Animal Farm” escrito na lombada, ele posicionou o dedo sobre a parte superior das páginas e o puxou para trás, como uma alavanca. Dando um passo para trás, ele observou a estante se movendo de modo silencioso e lento para o lado, fazendo com que uma entrada ficasse aparente, ou melhor, um longo percurso de descida de uma escada, com iluminação frágil e ar gélido.

Ao descer as escadas, anterior ao cômodo que era seu destino final, o misterioso homem deparou-se com uma estreita porta de aço maciço com uma fechadura mecânica. Sem nenhuma dificuldade, ele gira o disco duas vezes no sentido anti-horário, três para o sentido horário, mais quatro para o anti-horário e então ouve um barulho metálico que vem de dentro do mecanismo do interior da porta, que se abre lentamente, dando passagem para Russell. Logo ao entrar, ele se desloca para uma bancada, e ali ele apanhou uma enorme máquina semelhante a um rádio, que já estava em uma específica frequência AM. Ao ligar a máquina, ele puxou um microfone para perto de si e esperou silenciosamente o contato do outro lado da linha.

O ponto de singularidade partilha o verde do bosque – Diz uma voz metálica em russo, a que o Secretário tanto aguardava.

E o horizonte de eventos ficará cego – responde Russell Scruton. Era esse o código que eles utilizavam para se comunicar de forma segura em uma linha secreta entre EUA e Rússia.

Camarada Fiodor, qual o status da missão?

O homem que mantinha um diálogo em russo com o Secretário, conhecido na Rússia como Fiodor Tolstói e no Governo como um grande espião do país, era o diretor do departamento de inteligência da KGB.

Boa noite, camarada. Na atualização do dia 21 de Julho de 1969, às 03 horas

da madrugada, informa-se que a missão do Apollo 11, que chegaria à Lua no dia 20 de Julho de 1969, falhou. A causa ainda é desconhecida, porém, ainda hoje, me voluntariei para ir à NASA investigar o ocorrido. As notícias referentes a tal inspeção serão divulgadas para Moscou assim que possível.

Ótimo, camarada, finalizamos por aqui. Desligue a linha para não nos arriscarmos mais, e cuidado sempre, não esqueça de honrar nossa terra mãe.  
– Assim, o contato foi interrompido.

Sem esboçar nenhuma reação, Russell se levantou e voltou para a parte superior de sua moradia, onde passou a noite em claro revisando quais ações deveria seguir para conseguir alcançar seus objetivos: roubar o máximo de informações e tecnologias possíveis para enviar para Moscou.

## A QUEDA

Eram sete horas da manhã quando todos os envolvidos na investigação estavam de prontidão na base aeronáutica do Pentágono, de onde partiria o avião particular que os levaria para Flórida. O embarque foi feito de forma rápida e sem atrasos, já que todos estavam com pressa para chegar ao destino e, em meio ao percurso, cerca de uma hora após a decolagem, os quatro, ou melhor, três, já que Jeffrey estava extremamente distraído, revisavam o plano de investigação que seguiriam na NASA. Nesse período, Jeffrey, um grande admirador de seu mentor, levantou-se e, nas espreitas, roubou um cachimbo e um casaco da mala de Walter e partiu para o banheiro. O aprendiz sentou-se no cômodo, se enrolou no sobretudo do patrão, posicionou o objeto em seus lábios, acendeu-o rapidamente, sendo que, em seguida começou a tentar se portar como seu mestre, já que o idolatrava tanto que queria se sentir como ele. Foram alguns minutos maravilhosos para Jeffrey, ele estava com os olhos fechados, imaginando-se na cena de um crime enquanto investigava as evidências, mas quando de repente, o alarme de incêndio e o sprinkler do avião passaram a apitar e não demorou para começar a soltar água em

todos os lugares da aeronave, exceto no banheiro, onde o homem estava tão concentrado que nem percebia toda a situação que gerou.

Em cerca de cinco minutos, uma série de eventos teve início: todos sentaram-se de acordo com as instruções de medidas de segurança e o avião teve que realizar uma aterrissagem forçada no oceano. Quando todos finalmente estavam se sentindo pelo menos um pouco seguros e saindo do avião para o bote salva-vidas, notaram a falta de uma pessoa, o Jeffrey. Joana foi a primeira a perceber, ela anunciou aos outros tripulantes, que também não tinham notícias dele. Enquanto procuravam o garoto, Walter notou que sua mala estava levemente aberta, suspeitou de algo e foi investigar, percebendo que um de seus cachimbos não estava lá, na mesma hora ele já ligou os pontos, uma vez que Jeffrey já havia feito isso mais vezes. O detetive correu de imediato para o banheiro, arrombando a porta e se deparando com aquela cena deplorável.

JEFFREY ALUÍSIUS VON BLOCK! MAS QUE PORRA É ESSA? – diz o detetive em um berro que acorda imediatamente Jeffrey de sua aventura policial.

OH! Se-senhor Tucker, e-eu... é-é... – Jeffrey tenta cavar uma desculpa em sua cabeça, mas sem

sucesso.

Sem dizer uma palavra, Tucker apenas puxou Jeffrey pelo colarinho de seu casaco e começou a caminhar em direção ao bote, onde os outros já estavam ao seu aguardo, e não demorou para se ajustar com o escudeiro no barco. O investigador preferiu manter esse evento que havia presenciado em segredo, já que, caso viesse à tona, mancharia seu nome.

O percurso que fizeram com o auxílio de uma bússola os levou para a costa e, perto do cais, encontraram um pequeno navio com a presença de seu proprietário. Joanna, percebendo a oportunidade, sacou seu distintivo e

direcionou-se para o homem, que depois de uma longa conversa, entendeu que teria que ceder seu barco para os agentes, com a condição de que ele teria que ser o capitão da viagem. E então zarparam em direção ao Cabo Canaveral.

A jornada foi tranquila, apesar de ter sido mais longa do que estavam estimando, chegando ao destino na parte da manhã. Já quase na costa, Joanna havia ligado o rádio para se manter informada do que estava acontecendo no mundo, quando uma voz de locutor anunciou as pesquisas eleitorais da França e da Austrália, que aconteceriam em breve. Para a surpresa da diretora, devido ao evento da Apollo 11, os partidos liberais, conservadores e republicanos haviam perdido uma notória popularidade, dando pretensões de voto aos partidos comunistas, que agora lideravam as pesquisas.

Após a chegada em terra firme, o quarteto agradeceu ao dono da embarcação e concordaram em ir direto para a NASA, onde explicaram o status da missão para os demais agentes, que os levaram para encontrar a administração. No diálogo entre as partes, foi concluído que o principal problema do código foi a falta da existência de uma programação completa para caso de emergência, mas ainda não satisfeita, Joanna exigiu que lhes dessem o nome e a localização do principal desenvolvedor, assim como uma cópia da planta utilizada para a construção da aeronave e dos códigos utilizados, já que os oficiais do Pentágono precisavam realizar uma análise mais completa. A partir das ordens da diretora, lhes foi passado o nome do chefe da programação, Morgan Heafield, e onde localizava o seu escritório, esclarecendo-a que as demais informações que a oficial precisava se encontravam com o cientista.

## O COMEÇO

Assim que saiu da sala de reunião da administração, o grupo decidiu se separar. A dupla de investigadores ficou encarregada de conhecer os outros programadores da equipe de Morgan e colher o máximo de informações possíveis, enquanto Scruton e Galt foram falar diretamente com Heafield.

Próximo à sala do chefe, depararam-se com uma grande porta com a identificação “M.Heafield”. Sem pensar duas vezes, bateram na porta que, por acaso, não gerou respostas. Depois de repetir essa mesma ação e obterem o mesmo resultado, Joanna, com seu típico humor sem paciência, girou a maçaneta e entrou no escritório, defrontando-se com uma deplorável cena: Morgan estava jogado no chão, em posição fetal, com os olhos fechados, lamentando consigo mesmo, e cercado de documentos espalhados pelo chão. Além disso, a sala estava com um odor extremamente desagradável. A diretora entrou na frente e aproximou-se do homem, percebendo que seus olhos estavam cheios d’água, com uma olheira profunda – sinalizando que ele não dormia há dias –, e fios de cabelo esparramados próximo a si.

Russell fechou a porta atrás de si depois de entrar em seguida e, enquanto Galt tentava acalmar Heafield para conversarem, o Secretário, em silêncio, invadiu o computador de Morgan e começou a salvar as informações da programação em alguns disquetes, que havia tirado do bolso do seu casaco, rapidamente. Após alguns minutos finalizado o processo, Joanna, por fim, conseguiu acalmar o cientista, que se dirigia em direção a uma das mesas do escritório para mostrar a cópia da planta da aeronave. Nessa superfície havia mais de um xerox desse documento, e foi exatamente isso que Scruton também notou, sendo que na primeira oportunidade que teve, quando Joanna saiu da sala e Morgan foi ao banheiro, apanhou uma das cópias e a escondeu por dentro de seu casaco, deixando o local em seguida para acompanhar sua chefe.

As duplas se encontraram em uma das lanchonetes. Logo após se alimentarem, decidiram voltar imediatamente para Washington para resolver as situações o mais rápido possível.

A diretora, usufruindo de seus privilégios, conseguiu facilmente fazer contato com o Pentágono, solicitando um avião para o retorno, e foi informada que a aeronave chegaria na parte da noite e, enquanto isso, ela e o trio deveriam aguardar mais contatos em um hotel que havia sido reservado para eles. Assim, eles foram para a hospedaria, acatando o comando.

Depois de algumas horas e da base ligar para Joanna avisando que estariam liberados para voltarem para a capital, os quatro se reuniram novamente no aeroporto, esperaram alguns minutos até a chegada do avião e embarcaram no voo em direção a Washington. Diferente da ida, a volta foi tranquila e sem turbulências, durando, em média, três horas de voo.

## A ODISSEIA DO CORVO

Todos, assim que chegaram em Washington, optaram por retornar às suas casas, com exceção de Galt, que ficou responsável por passar as informações adquiridas na missão para o diretor superior, e depois fazer o relatório.

Aí está quem eu mais queria ver – Hans Hazlitt, o diretor superior, começou a falar, com um sorriso esboçado nos lábios, oposto da expressão de Joanna.

Senhor, ainda preencherei os relatórios, mas aqui estão os documentos que consegui durante a investigação. Vou entregar cópias para as equipes do Governo verem mais a fundo, mas quis entregar ao senhor antes. – Disse, sem se importar em retribuir a mesma calorosidade em sua fala.

Sem graça com a reação inexpressiva da Diretora-Geral de Defesa, o homem limpou a garganta e ajustou-se na cadeira de seu escritório para analisar os arquivos com cautela.

Certo, averiguarei tudo com mais calma depois, você está dispensada. Não esqueça de me entregar os relatórios amanhã cedo.

Joanna confirmou com a cabeça e saiu da sala do chefe, indo em direção à própria para focar no documento que estava faltando.

Enquanto isso, Russell descia as escadas do cômodo secreto, pela primeira vez esboçando um singelo sorriso nos lábios rachados, feliz por conta da

completação de sua missão. Após abrir a porta com a senha, entrar no cômodo e ligar o aparelho de comunicação, ele sintonizou na frequência de Moscou e aguardou a resposta dos superiores.

O ponto de singularidade partilha o verde do bosque – Começou o contato com a mesma voz metálica da última vez.

E o horizonte de eventos ficará cego – Continuou Scruton.

Que ótimo receber novas notícias, camarada Tolstói, como foram os resultados da missão?

Está completa, camarada, consegui todos os arquivos, cópias de plantas e a programação completa da APOLLO 11.

Perfeito, camarada, não poderia estar mais orgulhoso, agora a sua missão em terras ocidentais está concluída, a partir de hoje, você é mais útil para a nossa sociedade aqui na Rússia. – Responde a voz do outro lado.

E como ocorrerá a minha odisséia?

Durante o tempo que estava fora, entrei em contato com outro camarada infiltrado nas américas, ele é um capitão de navio que também terminou a missão. Você deve conseguir uma desculpa para sair, sumir com todas as evidências e pistas, e ir para a costa nas coordenadas que lhe enviarei através de código Morse no final desta chamada. Encontre o agente, vocês se identificarão pela mesma senha dos nossos contatos, ele te levará para a nossa mãe soviética. Traga todos os documentos. E novamente, meus parabéns pela vitória, camarada Tolstói, sua missão está concluída.

Nossa vitória, camarada, nossa vitória!

O contato foi encerrado com a breve comemoração de Fiódor, que não demorou em pegar uma bolsa e a dedicar-se na tarefa de juntar todos seus

pertences para a fuga, sem deixar nada que pudesse gerar uma desconfiança sobre ele para trás, já que nos próximos meses a confiança de sua verdadeira identidade era ainda de tamanha importância.

Para que sua chefe não desconfiasse, o russo informou-a que passaria algum tempo de licença pois estava com problemas familiares. Ele inventou que seu irmão mais velho havia sido preso por tentar tramar um golpe contra o prefeito de sua cidade natal no interior e, por isso, a mãe que estava inconsolável e sofria com uma grave enfermidade, precisaria de seu suporte por um período. Sem pensar duas vezes, Joanna desejou boa sorte para o homem que havia sido seu braço direito por tanto tempo e disse que torcia por ele, mal sabendo que, no fim, todo o Russell que conhecia não passava de uma imensa fachada.

Os pertences de Tolstói estavam organizados por volta das duas da manhã e, nessa mesma hora, o homem partiu de táxi até a costa. Achar o agente que o levaria de volta para a Rússia não foi difícil, ainda mais por conta da distinção pelo código específico que utilizavam. O contato entre eles foi breve, apenas o suficiente para decidirem que, por fim, para as informações não demorarem a chegar na base militar da União Soviética, a melhor opção seria eles irem de avião, mais especificamente um que se encontrava em uma pista de voo clandestina, não muito distante de onde eles estavam.

O caminho até a localização de partida foi silencioso, assim como todo o percurso da viagem, em que um clima de tensão havia se criado entre os dois homens sérios.

Ao chegar em Moscou, Fiódor, que só possuía seu pai biológico como família, foi diretamente ao quartel general da KGB encontrar-se com o dono daquela voz metálica. Após subir alguns degraus, pedir informações e enfim chegar na frente da sala – uma porta escura e espessa, com pingente de uma foice e um martelo cruzados atrás de uma estrela vermelha, e acima o nome “Aleksandr Tolstói” –, o agente bateu na porta e, após a permissão, entrou no escritório, fechando-a atrás de si.

O pai de Fiódor, e o dono da voz que falava consigo toda semana por meio do rádio, encontrava-se sentado em sua mesa, e o canto de seus lábios sorria levemente ao ver o filho tendo em mãos todas as informações necessárias para um possível início de ascensão socialista.

Quanto tempo, camarada, ou melhor, pai. – Cumprimentou o espião ao se aproximar da mesa que os separavam. – Aqui estão os documentos que foram solicitados na missão, acredito que serão úteis para nós.

Bom dia, camarada, que prazer revê-lo! Ah não se preocupe, essas informações serão muito mais do que úteis!

Eles sorriram um para o outro e o filho sentou-se na cadeira ante ao pai, sabendo que teriam um longo dia de conversa e planejamento pela frente.

## ÚLTIMA MARCA

“Nunca me imaginei escrevendo um diário, então como devo escrever nessas poucas páginas que arranjei dentro desse lugar imundo?”

‘Caro diário...’, acho que é assim que eu tenho que começar, nos últimos anos muitas coisas aconteceram desde a falha da missão Apollo 11, e muitas também mudaram depois disso tudo, inclusive a diminuição do amor e da fé dos americanos com relação à sua amada pátria.

Depois desse fracasso, e depois da investigação sobre o que levou a missão a falhar, já era tarde demais, de alguma forma, a União Soviética conseguiu lançar uma aeronave tão semelhante à nossa, mas sem nenhum defeito no sistema. Os soviéticos foram os primeiros que conseguiram levar o homem à Lua, e assim ganharam a corrida espacial. Desde então apenas decaímos. E, sinceramente, espero que Russell, Walter e Jeffrey estejam bem.”

Mas mal Joanna que Russell era o principal responsável por toda essa revolução e, em contrapartida, Walter e Jeffrey, naquele ponto, já estavam sem vida, gelados, soterrados por um metro e meio de neve no coração da Sibéria. Os dois foram enviados para uma missão de investigação como infiltrados na Rússia, mas acabaram sendo fatalmente descobertos e destinados para um campo de trabalhos forçados, onde, por horas a fio, laboraram na construção de uma misteriosa linha férrea que ligava Tobol a Okocha, mas o General Inverno era rigoroso demais. Enquanto caminhavam carregando madeira para a coordenada de um ponto de curva dos trilhos, os equipamentos de localização falharam, e eles se perderam no meio do nada. Walter foi o primeiro a cair, ele estava muito fraco, já não comia há dias, pois dava quase toda a mísera ração que recebia para Jeffrey. Tucker dizia ao garoto que o oficial lhe deu dois sacos com a mesma quantidade de ração, um para cada um, mas o detetive colocava a sua comida na sacola do menino e enchia a sua com pedrinhas para “disfarçar”. Block ficou desesperado quando viu o seu herói sem vida afundando nos flocos de gelo, mas ele não tinha forças para gritar nem correr, não havia nada a fazer, então Jeffrey se ajoelhou ao lado do cadáver de Walter e lá ficou, esperando a morte buscá-lo também.

Depois de um longo suspiro, a mulher continuou a escrever:

“A popularidade do socialismo começou a subir muito, e o inverso aconteceu com o nosso sistema americano. Os primeiros países foram a França e a Austrália, que tiveram eleições em data próxima ao ocorrido, onde os comunistas chegaram ao poder por intermédio dos meios democráticos.

Eles começaram a fazer pressão para a expansão da União Soviética pela Ásia e Europa, seja pelo financiamento dos grupos revolucionários, seja por influência política.

A expansão pela África veio logo em seguida, foi bastante rápido, diga-se de passagem. Aquele povo pobre e reprimido, caem em qualquer conto facilmente, mas a maioria dos regimes foram instaurados por um único grupo comunista, o chamado “vontade popular africana”, de princípio nigeriano,

mas começaram a expansão pelo Sudão. Foram guerras sangrentas, repletas de mortes e sofrimento. Após o domínio dos territórios que iam da Somália até a Nigéria, os diferentes países se juntaram e formaram a União Socialista do Centro Africano (USCA), liderada por Thomas Menger, um guerrilheiro sul-africano que se mudou para o Sudão a fim de ajudar na revolução, grande sucesso, o treinamento de liderança que ele recebeu na França foi de enorme valor. A USCA concentrou seus esforços para se expandir para o norte.

Enquanto isso, os comunistas franceses conseguiram encontrar uma brecha na lei para declarar estado de sítio – na verdade aquilo foi um golpe, mas a veracidade que conhecia antes já não existe há um bom tempo –, e a partir daí a Constituição foi fortemente violada até ser esquecida por completo. E com um enorme investimento na indústria bélica, a França, ou melhor, o novo Estado Franco-Socialista estava pronto para se expandir para o Leste.

Eu juro que tentei, diário, eu tentei. Até hoje também não entendo como que os Estados Unidos não intervieram nessa confusão, após o assassinato do presidente Nixon, seu vice parecia muito estranho, ele agia como nunca, além de que eu podia jurar que, antes de 1970, ele não possuía aquela cicatriz na bochecha, mas todos os arquivos prévios demonstraram o contrário. Enfim, após ele ter assumido, por mais que todos nós do Departamento de Defesa fizéssemos o máximo de pressão possível, o presidente sempre barrava, não acho que ele era um infiltrado, mas parecia que ele possuía um ‘rabo preso’ ou coisa do tipo, uma vergonha para a nação.

Os russos dominavam a Alemanha por um lado enquanto os franceses iam pelo outro. Após isso, o Leste Europeu já estava totalmente corrompido, e os estados socialistas se uniram e aumentaram as defesas e reforços, pois era apenas uma questão de tempo até os grupos revolucionários dominarem a Itália, Espanha, Suíça, Portugal e outros países.

Nesse momento, o norte africano também pertencia à URSS. Exatamente, a união africana se uniu à soviética, que já dominava as fronteiras. É engraçado ver que Orwell errou em seu livro, os socialistas se uniram em

grande maioria. Depois da chegada do homem à Lua, a URSS passou a tomar posições trotskistas de uma ‘revolução global’ e, por incrível que pareça, eles conseguiram mudar até a verdade que Stalin havia modificado, acho que o sentimento de triunfo dopou a cabeça dos líderes russos.

Após toda dominada, a África se tornou um canteiro de exploração, de onde viria grande parte do superávit socialista, assim, eles puderam avançar pela Ásia, mas essa seria bem mais complexa.

O tempo do mandato de Nixon acabou, todas as pesquisas indicavam a vitória do republicano Gerald Ford, mas, um homem, que até essas eleições era quase invisível, venceu, não se sabe como o povo mudou de opinião tão rápido, o novo presidente, Aldous Rockwell, foi um tremendo passivo, servindo sobretudo para barrar as decisões do congresso. A América estava cada vez mais podre, com menos crença do seu povo, o patriotismo médio apenas caía. Mas eu nunca perdi minha fé, até hoje amo os EUA, mas é uma pena que o resto do povo não continuou assim, a propaganda socialista era persuasiva demais para aqueles que não tinham um amor genuíno pela pátria. Desde então, os Estado Unidos nunca mais tiveram um presidente realmente patriota.

A Austrália, que havia se tornado uma extensão soviética, expandiu-se pela Oceania, sem queimar nenhuma pólvora, é impressionante a articulação diplomática dos australianos, e assim o meio democrático fez a Oceania sucumbir.

Começou a haver diversas revoltas socialistas nas américas latinas, o que acabou derrubando o regime de segurança que apoiamos no Brasil, desse modo, a partir dali e de Cuba, as revoluções iam se espalhando e unificando toda a América latina na União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL). Aquele continente sofria de muitos problemas monetários e políticos, uma promessa de ‘solução revolucionária’ caiu facilmente no gosto do povo.

Então todos se uniram para fomentar as revoluções asiáticas. Foi um pesadelo, pois derrubar o poder da fé naquele lugar era muito difícil, mas a maior parte dos intransigentes foram bombardeados. O monopólio soviético sobre as bombas atômicas no Oriente foi muito útil, mas nada defensável. Os últimos asiáticos foram a China e o Japão, um dos países, apesar de já socialista, não desejava se juntar aos soviéticos, e o outro, com uma cultura extremamente conservadora, resistiu o máximo possível, deve ter sido difícil para eles ver suas metrópoles reduzidas a pó de novo. A terra do sol nascente foi um ótimo exemplo de ‘dominação’, já que foram tomados à força por total. Não deu outra, eles se tornaram a maior concentração de GULAGs do mundo. Após o apocalipse japonês, o líder chinês pediu para unir a China aos soviéticos.

Os canadenses nunca tiveram uma mentalidade americana de verdade, aquele povo sempre pendeu para um progressismo sujo, e só durou todo esse tempo por causa da proximidade aos Estados Unidos, mas com a frouxidão do Executivo e a queda da influência americana, não demorou para o povinho do Canadá votar no partido comunista nas próximas eleições e dar o total cheque em branco para a destruição da democracia canadense. Mais uma extensão soviética na fronteira com a América.

A partir daí, o partido russo mudou o nome da União, já que era um governo quase mundial. Entretanto, a população global ainda não havia ‘resetado’, não aceitariam a criação de um estado único, por mais que na prática Yuri Andropov era quem realmente mandava em todos os estados. Enfim, nasce a União Socialista (US), um nome simples, difícil de ser esquecido e bem prático, uma vez que eles uniam todos os estados infernais do mundo.”

Nesse momento, Joana soluçou e uma gota de lágrima caiu na página do caderno. Então ela, na mesma hora, engoliu o choro e secou o papel, sentiu uma imensa vergonha pela sua primeira lágrima em décadas. Assim, rapidamente, Galt continuou a escrever:

“Mas a US não seria o único estado socialista por muito tempo. Alguns anos depois, o Reino Unido, que apesar de não sofrer de condições econômicas

tão desfavoráveis como as da África e da América Latina, e de possuir uma cultura bem conservadora, ou pelo menos eu pensava, também caiu. Uma ilha de liberdade no meio do mar vermelho, que tragédia. Grupos revolucionários ingleses começaram a ganhar força e diversos membros com o passar do tempo. Eles criaram...” – Joanna fungou levemente e voltou seu foco para a escrita — “...até mesmo uma nova vertente do plano marxista, a chamada “Socialismo Britânico” (Britsoc). Então, os assaltos começaram a se tornar constantes, em que todo o dinheiro era levado para o grupo, além das diversas doações internas e externas; apesar de que eles escondiam a existência dessas. Os revolucionários estavam cada dia mais fortes e influentes, a própria população sabia que a revolução seria uma questão de tempo, mas erraram tragicamente, foi muito mais humilhante do que isso. Foi organizado um golpe que assassinou toda a família real e, três horas depois, matou a Primeira-ministra Margaret Thatcher, talvez a maior defensora viva da liberdade até então – me pergunto como que ela conseguiu se manter viva por tanto tempo, talvez a resposta esteja em sua alcunha, né, Dama de Ferro, mas até mesmo o ferro tem um ponto de fusão. Depois desse evento, os líderes das duas ilhas desistiram e entregaram o Governo aos revolucionários que, depois disso, jogaram fora toda a história do novo socialismo e se revelaram como apoiadores da US – uau, que imprevisível. E quanto à população? Bem, ela não fez nada, se manteve passiva como gado, o demônio da desesperança havia possuído todos.

E então chegamos no presente, em dezembro de 1991, a América é o único polo de liberdade e democracia do mundo já faz muito tempo. O mundo está perdido, e tudo começou em 1969, com aquele... foguete... aquele maldito foguete. A Apollo 11 foi o início de tudo, a derrota espacial dos EUA tirou o espírito americano do mundo lentamente. Como estaríamos hoje, como estaria a democracia, a liberdade... Se o engenheiro de software daquela nave tivesse previsto as falhas? Se ele fosse uma outra pessoa? Pobre Morgan, fui visitá-lo de novo em uma missão na Flórida alguns meses depois daquela primeira jornada, mas dessa vez fui na própria casa dele. Bati várias vezes na porta de entrada, até perceber que estava aberta, então entrei e gritei por ele, mas nada. Procurei no andar de baixo, também nada. Então subi as escadas,

virei para o lado e lá estava. Próximo ao buraco da fechadura da porta do quarto pendiam seus pés. Devagar, muito lentamente, como duas agulhas de bússola sem pressa, os pés voltaram-se para a direita: norte, nordeste, leste, sudeste, sul, sul-sudoeste; depois se detiveram e, passados alguns segundos, recomeçaram a girar, com a mesma lentidão, para a esquerda: sul-sudoeste, sul, sudeste, leste... Ele não conteve o sentimento de culpa.

Tudo isso por causa daquele foguete, diário, aquele maldito foguete...”

Era o que Joanna estava escrevendo no pequeno livrinho que havia ganhado na prisão para não surtar nos dias que ficou presa. A letra borrada no final e a frase mal acabada indicava que a mulher tinha sido levada de fato à força pelos guardas da prisão, sendo praticamente arrastada enquanto se debatia tentando tomar o controle da situação para si.

Em todo o tempo de sua vida, Galt poderia afirmar firmemente que nunca imaginaria que essa situação aconteceria. A fé na amada terra dos EUA era tão intensa para a ex-Diretora-Geral de Defesa que ela nunca seria capaz de sequer pensar que a América poderia perder para os socialistas. Mesmo naquele momento, em que a circunstância se tornou a mais deplorável possível, Joanna não se enxergava como inferior, pelo contrário, para a mulher, os Estados Unidos sempre venceria no fim, não importasse o quanto a situação saísse das mãos do extremo poder, sempre existiriam americanos nacionalistas o suficiente para amar tanto a pátria que até arriscariam as suas vidas para tê-las de volta das mãos dos soviéticos.

A mulher foi praticamente jogada de joelhos em frente à casa branca, levantando o olhar com calma, e sem tirar um sorriso cínico do rosto — pois para si, mesmo que morresse ali, seu oponente nunca poderia nem desconfiar que existiu algum receio dela perante a ele — e visualizou a multidão que a assistia, assim como as imensas câmeras que a filmavam. Ao olhar para o lado, outros membros do poder político do país estavam enfileirados próximos a si, inclusive o diretor superior e o próprio presidente, então ela entendeu, que cada um ali era só mais um exemplo para a nova sociedade que estava

surgindo. Uma demonstração pública e clara do que eles eram capazes de fazer caso alguém descumprisse as regras do novo governo e o que, para eles, era o fim do antigo Estados Unidos, com quem lutaram tanto contra para conseguir a influência que haviam conquistado até certo momento.

De minutos a minutos, um som de tiro ecoava pelo grande espaço e, depois do corpo da vítima ser arrastado do local para uma pilha de cadáveres, que muito provavelmente seriam queimados como o encerramento do “espetáculo”, apenas restava um caminho de sangue pelo chão, traçando a trajetória do lugar onde estava o sacrificado até o montinho dos restos mortais.

Para não ver as cenas, Galt mantinha-se imóvel encarando as pessoas em sua frente e, como uma boa cristã pagã, dedicava aquele momento orando, agradecendo a Deus pela oportunidade de ter nascido em um país, de acordo com ela, perfeito para si e o ideal para qualquer um. Não demorou muito para uma sombra, e um indivíduo trajando preto por completo, tampar a sua visão, assim como, de forma instantânea, ela sentiu o cano de uma arma em sua testa.

A mulher travou o maxilar instantaneamente, e não conseguiu se segurar, em um extremo estado de choque, ela começou a rir, enquanto uma certa quantidade de lágrimas era derramada pela sua face, não deixando de encarar o atirador.

O soldado, que parecia ser de um alto cargo, pelo que indicava em seu uniforme, retirou então o seu capacete, revelando uma face conhecida por Joanna, que sentiu seus olhos tremerem perante tal descoberta.

Desgraçado. — Sussurrou de modo quase inaudível e cuspiu para o alto, tentando acertar o homem.

Com a voz rindo e um sorriso convencido no rosto, Fiódor, que estava revendo Joanna depois de todos aqueles anos sem vê-la, recarregou a arma e firmou a mão enquanto olhava a mulher de cima para baixo.

Foi bom te rever novamente, chefe. Talvez algum dia nos encontremos no inferno. — Falou, em resposta ao xingamento profanado pela estadunidense.

E, logo em seguida, apertou o gatilho, sem nem mesmo hesitar, matando, em um só tiro na cabeça, Joanna Galt, que antes mesmo de conseguir processar a fala de Tolstói, sentiu a sua visão se escurecer até não ver mais nada, seu pulmão respirar por uma última vez, e o corpo pesar até acertar totalmente o chão, tornando-se só mais uma em uma imensa pilha de carcaças e mais um rastro de sangue no chão, assim como mais uma comemoração de conquista por parte dos soviéticos e mais uma morta na lista de corpos abatidos por Fiódor Tolstói.

Após todos os reféns serem assassinados e recolhidos, lá no alto, no rumo do pôr do sol, dois soldados caminhavam no telhado do palácio presidencial. Ao chegarem no topo, atearam fogo naquela bandeira listrada, recolheram as cinzas e posicionaram uma nova haste. Um dos militares segurava uma corda que se ligava no topo da haste e, começou a puxá-la de cima para baixo: um, dois, um, dois, um, dois... No fim, uma nova bandeira lentamente sobe e treme com o vento. O sol se pondo refletia aquele vermelho sangrento, vibrando no alto da casa branca. A multidão, com os punhos cerrados, encarava de forma fixa aquele símbolo inquieto que desabrochava do centro da signa. Quando um sopro de vento a estendeu por inteiro, o emblema estampado tornou-se inconfundível. A foice e o martelo balançavam rápido, hipnotizando a todos na plateia. Então, como se fossem um único organismo, todos levantaram os punhos e, numa só voz, começaram a cantar em um inglês impecável:

*United forever in friendship and labor our mighty Republics will ever endure.*

*The Great Socialist Union will live through the ages the dream of a people their fortress secure.*

*Long live our Motherland*

*built by the people's mighty hand. Long live her people united and free strong  
in a friendship tried by fire long may her crimson flag inspire shining in glory  
for all men to see.*

*Through days dark and stormy when great Lenine led us*

*our eyes saw the bright sun of Freedom above and our supreme leader*

*with faith in the people*

*inspired us to build the land that we love.*

*Long live our Socialist Motherland built by the people's mighty hand. Long  
live her people united... And... FREE!*

\*\*\*



## Um mundo sem Maria da Penha

**M**aria da Penha, nascida em 1º de fevereiro de 1945, em Fortaleza, Ceará, é uma farmacêutica e ativista brasileira. Ela lutou pelos direitos das mulheres e contra a violência doméstica e teve um papel fundamental na criação da lei de combate à violência doméstica que levou o seu nome, em sua homenagem. E se Maria da Penha nunca tivesse existido? Teria outra mulher assumido o seu papel? Possivelmente, mas os avanços e progressos na legislação de proteção à mulher, garantidora dos seus direitos e resguardando o seu bem-estar talvez estivessem, hoje, muito atrasados em relação ao que estamos acostumados. Seriam as taxas de feminicídio e violência doméstica ainda mais estarrecedoras? Seria a vida ainda mais opressora para as mulheres, caso uma mulher em específico nunca tivesse existido? O conto a seguir nos leva a refletir sobre a questão: quanto sofrimento não foi evitado ou atenuado, graças à atuação dessa grande mulher? Os autores misturam de maneira muito perspicaz, ficção e realidade, retratando cenas que poderiam facilmente terem sido retiradas de páginas do jornal diário do nosso mundo, de alguma família conhecida hoje, porém ambientada em um universo distópico. O mundo em questão não contou com a presença ilustre de Maria da Penha. No mundo em questão, as mulheres têm ainda menos voz, menos atuação ativa, mesmo em suas casas, em sua esfera pessoal de relacionamentos. Porém, a narrativa, em si, não parece tão ficcional e, dessa forma, os autores nos convidam a refletir acerca de nossas relações com as mulheres, mesmo com todos os avanços, qual é o papel da mulher na sociedade e qual é a influência das mulheres na construção das nossas relações e saberes?...



## **Em briga de marido e mulher não se mete a colher: Um mundo sem Maria da Penha**

*Letícia Guerra*  
*Arthur Araújo*

Joana da Penha Maia, uma linda jovem de olhos castanhos e cabelos escuros como a noite, conheceu um rapaz chamado Lucas Eduardo Heredia Viver, muito educado e inteligente, em 2020. Ela, aos 18 anos, estava realizando o curso de Automação Industrial em uma universidade federal, já ele era novo na cidade e estava em busca de emprego. Eles se conheceram em um bloquinho de carnaval e se apaixonaram um pelo outro. Naquele mesmo ano, eles começaram a namorar, por acreditarem ter encontrado sua “alma gêmea” que tanto procuraram em relacionamentos antigos.

Ao fim do ano, todas as metas do casal estavam como o planejado, o namoro estava perfeito, Joana estava no fim de seu curso e Lucas conseguiu o emprego tão sonhado na indústria da região. No ano seguinte, Joana com muita luta consegue entrar na faculdade de Engenharia Elétrica recebendo grande apoio por quem era seu grande amor, Lucas, que continuava trabalhando e se esforçando em seu emprego.

Três anos se passaram, faltavam apenas dois anos para Joana se formar e Lucas, após conseguir ser promovido várias vezes, se torna financeiramente estável, então Joana é pedida em casamento e em poucos meses os dois se casam com uma grande e feliz notícia, mais um membro está prestes a entrar na família, vindo do fruto de muito amor que ambos sentiam. Lucas, como sempre, foi um companheiro amável, muito empolgado e feliz com a notícia da gravidez de sua esposa, não via a hora de poder segurar em seus braços o

bebê que aguardavam.

No decorrer do tempo, Joana, que estava prestes a finalizar o curso, ganha um lindo menino, Diogo, que se torna grande parte de sua atenção. Lucas, por outro lado, começa a se distanciar tanto como pai quanto como marido, por ciúmes, já que agora ele já não era o centro das atenções de sua esposa. Joana, que não entendia o que estava acontecendo com seu grande amor, que era uma pessoa tão companheira, amorosa e compreensível, o questiona, perguntando o que havia acontecido, ele então em um tom de voz alto, e que até então era desconhecido por ela, começa a acusá-la de ser incapaz de cuidar do filho e dar atenção para o marido e a casa, desmerecendo-a de uma forma jamais vista, como se nunca fizera nada por ele. Ela, após se sentir humilhada e desrespeitada, começa a chorar e aumenta o tom de voz, exclamando que não tem nenhum apoio por parte dele para cuidar de seu filho e da casa, pois, com tantas tarefas, ela acabou ficando sobrecarregada, já que agora, além de fazer sua tão sonhada faculdade, era mãe, esposa e dona de casa. No mesmo instante em que Joana tentava dizer sua posição sobre o que estava acontecendo e esclarecer tudo, ele dá um soco em seu rosto e, antes mesmo que ela pudesse raciocinar tal reação, leva outro em seguida. Desesperada e sem entender o porquê aquilo estava acontecendo vindo de uma violência que não existia até então, ela corre para o quarto, junto ao seu filho e ameaça contar à polícia e ir embora para casa de seus pais, ele, em um sorriso de deboche, parece não ligar para o que ela lhe havia dito e se senta no sofá para descansar de seu dia exaustivo de trabalho.

Joana parte para a delegacia mais próxima, ao relatar para os policiais o que lhe havia acontecido, algo desesperador acontece, eles começam a debochar dela como se sua história fosse motivo de piada e a expulsam de lá dizendo:

— Se for aparecer aqui novamente, que seja algo importante. Pois tenho mais coisas a fazer.

Então ela, com a voz desesperada, grita pedindo socorro e um policial se aproxima de Joana e a diz:

— Eu acho melhor a senhora voltar para casa pois está tarde, e aliás, se apanhou é por que aprontou!

Ela, sem saber o que fazer, volta para casa em choque, pensando por que toda aquela violência que lhe foi causada pelo marido e pelos policiais era algo normal para a sociedade, a deixando sem nenhuma segurança e completamente desamparada pela lei, por não haver nada que a pudesse ajudar, fazendo com que não tivesse escolha e voltasse para o lar que lhe fez tão mal.

Chegando em casa, Joana se depara com seu marido chorando, ela então se aproxima e ele o abraça dizendo ter pensado no que fez e se diz arrependido por tê-la tratado de tal maneira, pede desculpas por tudo, dizendo está muito estressado pelas coisas do trabalho e por esse motivo se descontrolou um pouco, ela, então, aos prantos, o perdoa e pede para não fazer aquilo novamente, e ele a prometeu se controlar da próxima, pois a ama incondicionalmente. Dessa maneira, ela acredita que ele realmente só estava estressado e que não a machucaria novamente, até por que ele era a sua alma gêmea, quem a havia feito tão feliz nos anos anteriores e lhe prometido no altar da igreja amá-la até que a morte os separasse. Além disso, Joana não tinha outra escolha a não ser perdoá-lo por terem uma família a cuidar juntos.

Semanas se passaram desde a primeira violência, estavam todos bem como de costume até que chega uma notificação no celular de Joana, era um amigo da faculdade a convidando para sair com a turma, pois seria aniversário de um professor. Joana, muito feliz com o convite, manda um áudio confirmando sua presença e agradecendo. Lucas, ao perceber que havia algo diferente com a sua esposa, pois estava mais contente, pergunta o que era, ela toda sorridente o responde:

— Meu amigo da faculdade me convidou para o aniversário de nosso professor! Achei muito fofo o convite, estou precisando mesmo sair para arejar a mente.

Lucas furioso a responde:

— Como assim? Você vai sair com aquele bando de homens de faculdade??? Para arejar a mente? Você não tem esse direito de sair e deixar seu filho sozinho em casa!”

Joana, o responde chateada:

— Mas amor, eu quero tanto ir! Achei que não teria problema, além do mais você sempre vai para churrascos com o pessoal da empresa e me deixa aqui com o Diogo, nosso filho, não pode fazer isso por mim?

Lucas começa a dar gargalhadas e a responde:

— Aí, Joana meu amor, você ainda não vê que lugar de mulher é em casa? Por mim você trancava sua matrícula, eu como o homem da casa faço questão de trabalhar por nós, assim, você terá mais tempo para nossa família, não acha? E mais uma coisa, sobre aquela festinha, você não vai! E não se fala mais disso.

Joana, furiosa por sentir o deboche de Lucas, além de lhe impor algo que ia contra sua vontade, não concordou com o que havia escutado dizendo que não iria fazer nada do que ele disse. Após expor sua opinião, foi agredida novamente várias vezes, seguido de um pedido de desculpas. Joana angustiada perdoa novamente. Então, as agressões retornam no próximo mês, dia, até que se torna algo constante. Joana, já sem esperança e desacreditada com a justiça, começa a se culpar, pensando não ser suficientemente boa e capaz em relação à sua família. Com o medo constante, agressões e ameaças, ela sai da faculdade para agradar o marido. Não se diverte mais, não vive, não sai de casa, até que um dia, após uma surra do agressor por causa de uma mensagem recebida de bom dia de um amigo, que estava preocupada com ela, Joana, ferida por dentro e por fora, desiste daquilo que não poderia ser chamado mais de vida, e deixa seu filho e amigos para trás, morrendo assim com ela a esperança de um mundo de justiça e de igualdade.



**Amanda Silveira Barbosa**

Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico de Automação Industrial integrado ao ensino médio.

Alegria é o que busco espalhar por onde passo. Sou leitura ávida e escritora iniciante, tem predileção pelas engenharias.



**AUTORA**



Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico de Automação Industrial integrado ao ensino médio. Sou curioso pela vida e seus desafios.

[arthursaraujo18@gmail.com](mailto:arthursaraujo18@gmail.com)



**AUTOR**



**Arthur**

**Vinícius de**

**Oliveira**

Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico de Automação Industrial integrado ao ensino médio. A dúvida move os meus estudos.

[arthurviniciusocart@gmail.com](mailto:arthurviniciusocart@gmail.com).

**AUTOR**



Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico de Automação Industrial integrado ao ensino médio. Adoro animação e todas as formas de arte.

[arthurviniusocart@gmail.com](mailto:arthurviniusocart@gmail.com)



**AUTOR**



Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico em Eletrotécnica integrado ao ensino médio. Acredito na vida e nos valores que guiam nossa existência em sociedade. Sou ávida leitura.

[ceciliacosta.ifmg@gmail.com](mailto:ceciliacosta.ifmg@gmail.com)

**AUTORA**



**Ellen Silva**

Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico de Automação Industrial integrado ao ensino médio. Desde sua infância os livros sempre chamaram sua atenção e por muitos anos frequentou assiduamente a biblioteca escolar, adquiriu assim o gosto pela leitura e pela arte de escrever.

[ellenvivian96@gmail.com](mailto:ellenvivian96@gmail.com)

**AUTORA**



**Gabriel Moreira Coelho**

Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico em Eletrotécnica integrado ao ensino médio. Disciplina, criatividade e ética são princípios que orientam minha vida.

[gabrielm.coelho804@gmail.com](mailto:gabrielm.coelho804@gmail.com)



**AUTOR**



Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico integrado de Automação Industrial integrado ao ensino médio. Cada dia é uma dádiva que aproveito.

[leticiaemguerra27@gmail.com](mailto:leticiaemguerra27@gmail.com)

**AUTORA**



**Lucas  
Eduardo Vieira de Jesus**

Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico integrado de Automação Industrial integrado ao ensino médio. A criatividade humana me fascina. Sou admirador da beleza.

[lucaseduardovieiradejesus@gmail.com](mailto:lucaseduardovieiradejesus@gmail.com)



**AUTOR**



Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico integrado de Automação Industrial integrado ao ensino médio. Vivo em respeito aos valores da minha comunidade. Acredito que é atuando em comunidade que transformaremos o mundo num lugar melhor.

[souza3.mariaeduarda@gmail.com](mailto:souza3.mariaeduarda@gmail.com)

**AUTORA**



Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico integrado de Automação Industrial integrado ao ensino médio. Sou uma pessoa aberta às diversas formas de viver. Ser uma “metamorfose ambulante” me faz manter a mente sempre aberta.

[murilo.castroo1@gmail.com](mailto:murilo.castroo1@gmail.com)



**AUTOR**



Formou-se em 2022 no IFMG câmpus avançado Ipatinga no curso técnico integrado de Automação Industrial integrado ao ensino médio. Fascinada por literatura e ciência, trabalho para a construção de mundo mais sustentável.

[euwanessadias@gmail.com](mailto:euwanessadias@gmail.com)

**AUTORA**



**Leonardo Machado Palhares**

Filho, marido e pai de mulheres fortes. Meus mundos não existiriam sem elas. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no IFMG Câmpus Ipatinga. Licenciado em História pela UFMG, mestre e doutorando em Educação (UFMG e PUC-Minas, respectivamente). Bolsista CAPES; membro do Movimento de Alternativas para uma Nova Educação

[leonardo.palhares@ifmg.edu.br](mailto:leonardo.palhares@ifmg.edu.br)



**ORGANIZADOR**



# Marcos Flávio de Oliveira

Físico casado com outra física e pai do mini cientista Francisco. Nascido em Belo Horizonte, graduado, mestrado e doutorado em Física pela UFMG. Hoje vive um novo capítulo longe de casa como Professor do IFMS Aquidauana.

[marcos.oliveira@ifms.edu.br](mailto:marcos.oliveira@ifms.edu.br)



## ORGANIZADOR

**Esta coletânea de contos distópicos foi elaborada a partir de projeto escolar, desenvolvido por professores e alunos do IFMG. A reflexão uniu estudos de grandes cientistas, ativistas e artistas dos séculos XX e XXI com a apropriação criativa dos estudantes da história dessas protagonistas dos séculos XX e XXI. Como seria um mundo sem estas grandes mulheres?**

**Cada dupla de estudantes esmeraram-se na reflexão e construíram textos que nos auxiliam a refletir sobre passados/presentes possíveis. Ao fazerem emergir estas possíveis realidades, como em todo conto distópico, os autores dos contos favorecem a construção de cenários que marcam tanto a construção de mundos imaginários quanto possibilitam a emergência de cenários característicos dos nossos tempos, ainda marcado por grandes desigualdades de gênero.**